

MESTRADO EM SOCIOLOGIA

ESPECIALIZAÇÃO EM CONTEXTOS, PRÁTICAS E POLÍTICAS CULTURAIS

Associativismo, cultura e a formação de laços e redes em pequenas e médias cidades

O caso de São João da Madeira e Santa Maria da Feira

Afonso Pinho e Coimbra de Castro

M

2025



Afonso Pinho e Coimbra de Castro

Associativismo, cultura e a formação de laços e redes em pequenas e médias cidades

O caso de São João da Madeira e Santa Maria da Feira

Dissertação realizada no âmbito do Mestrado em Sociologia, orientada pela Professora Doutora Lúcia Sofia Alves Passos Ferro

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

2025



Este trabalho está licenciado ao abrigo de uma licença CC BY 4.0

À minha família, aos meus amigos e a todas as pessoas que se dedicam à cultura

Sumário

Declaração de honra / <i>Declaration of Honour</i>	6
Agradecimentos	7
Resumo.....	8
Abstract	9
Índice de Figuras (ou Ilustrações).....	10
Índice de Tabelas.....	11
Lista de abreviaturas e siglas.....	12
Introdução.....	13
1.Coordenadas teóricas e conceptuais da investigação	17
1.1. Cultura, artes, política cultural e participação	17
1.2. Redes, laços e comunidade	22
1.3. Associativismo cultural e desenvolvimento	28
2.Estratégia metodológica e procedimentos técnicos.....	32
2.1. Abordagem metodológica e entrada no terreno	32
2.2. Abordagem etnográfica.....	34
2.2.1. Observação participante.....	38
2.2.2. Diário de campo.....	39
2.3. Entrevistas semidiretivas.....	41
3.Análise de dados	44
3.1. Contextualização empírica: breve caracterização demográfica e cultural dos municípios	44
3.2. Retratos das associações: um olhar sobre as histórias, objetivos, valores e atividades....	44
3.3. Representações e perceções face à cultura e à participação.....	50
3.4. Da participação associativa à formação de redes e laços sociais.....	61
3.5. Dinamização cultural e desenvolvimento	66
Conclusões e pistas futuras.....	72
Referências Bibliográficas	77
Anexos.....	81
Anexo 1 – Guião de entrevista para membros das associações	82
Anexo 2 – Guião de entrevista para membros das associações	83
Anexo 3 – Grelha de análise de entrevista para membros das associações.....	84

Anexo 4 – Grelha de análise de entrevista para participantes assíduos em eventos das associações.....	87
Anexo 5 – Informação ao participante e termo de consentimento informado.....	89

Declaração de honra / *Declaration of Honour*

Declaro que a presente dissertação é de minha autoria e não foi utilizada previamente noutro curso ou unidade curricular, desta ou de outra instituição. As referências a outros autores (textos, trabalhos, ideias) respeitam escrupulosamente as regras de atribuição de autoria e encontram-se devidamente indicadas no texto e nas referências bibliográficas, de acordo com as normas de referenciação. Tenho consciência de que a prática de plágio e auto-plágio constitui um ilícito académico.

I hereby declare that this dissertation is of my authorship and has not been used previously in another course, degree, curricular unit or subject, at this or any other institution. References to other authors (statements, ideas, thoughts) scrupulously respect the rules of attribution and are duly indicated in the text and bibliographical references, in accordance with the rules of referencing. I am aware that the practice of plagiarism and self-plagiarism is an academic offence.

Declaro, ainda, que não utilizei ferramentas de inteligência artificial generativa (chatbots baseados em grandes modelos de linguagem) para realização de parte(s) da presente dissertação.

I further declare that I have not used generative artificial intelligence tools (chatbots based on large language models) to carry out part(s) of this dissertation.

São João da Madeira, 29 de setembro de 2025

Afonso Pinho e Coimbra de Castro

Agradecimentos

A todas as pessoas que participaram nesta dissertação e a tornaram possível através da partilha das suas visões e histórias.

À Associação Cultural Luís Lima, à Basqueiro e aos Ecos Urbanos, pelo importante trabalho que fazem e pela colaboração para esta dissertação.

À Professora Lígia Ferro, pela orientação, pelo apoio e pela paciência.

A todas as professoras e professores com os quais me cruzei no meu percurso académico, pela partilha de conhecimento que me abriu olhos para o mundo.

A todos os amigos e amigas que fiz pelo caminho durante todos estes anos na Universidade, por todos os momentos, aprendizagens, apoio e amizade, em especial, à Carolina, à Leonor, ao Zé Miguel, à Rita, à Beatriz e ao João.

Aos meus amigos de fora da Universidade, pelo apoio, pelos bons momentos, pelo aconselhamento, pela companhia no estudo e no café, durante o último ano: Dias, Barata, Tiago, Toscano, Sofia, Duarte, Diogo, Trindade, Marcello, Letícia, Fernando, Francisco, Renato, António, entre muitos outros.

Aos BATISKAF: Daniel, Mateus e Tomás, por todo o apoio, rock e energia.

A toda a minha família: à minha mãe e ao meu pai, aos meus avós, à minha irmã, aos meus primos, aos meus tios, à Cidália, ao Hugo, ao Xavier, e a todas as outras pessoas, por tudo.

Resumo

Esta dissertação pretende investigar como é que as associações culturais são capazes de construir e dinamizar laços e redes sociais em pequenas e médias cidades, através da perspetiva de três associações em São João da Madeira e Santa Maria da Feira. Parte de uma metodologia qualitativa, baseada em entrevistas semidiretivas e numa abordagem etnográfica de curta duração. As associações estudadas são Associação Cultural Luís Lima, Associação de Jovens Ecos Urbanos e Basqueiro.

Os resultados mostram o papel fundamental que estas associações desempenham na dinamização cultural da região ao trazerem uma oferta diversificada que dá resposta a um vazio cultural. Os eventos que organizam constituem espaços de sociabilidade com ambiente familiar onde se criam diversos tipos de laços, entre amizades, laços profissionais, e outros. Contribuem ainda para a ligação entre populações dos municípios e reforçam o sentimento de pertença com a região.

Conclui-se ainda que a cultura é vista enquanto uma ferramenta fundamental para o desenvolvimento, a educação, a diversidade e o pensamento crítico. Tornando-se indispensável para o saber viver em conjunto.

Sintetizando, as associações culturais são, então, fundamentais para as pequenas e médias cidades e as suas populações. Funcionam enquanto catalisadores de redes e laços e promovem o desenvolvimento. Contudo, o trabalho apresenta algumas limitações, mas abre portas a futuras possibilidades de estudo, como o alargamento a outros territórios e agentes e o estudo a longo prazo.

Palavras-chave: Associações culturais; Cultura; Pequenas e médias cidades; redes e laços sociais.

Abstract

This dissertation seeks to investigate how cultural associations are able to build and foster social ties and networks in small and medium-sized cities, through the perspective of three associations in São João da Madeira and Santa Maria da Feira. It follows a qualitative methodology, based on semi-structured interviews and a short-term ethnographic approach. The associations studied are Associação Cultural Luís Lima, Associação de Jovens Ecos Urbanos and Basqueiro.

The results show the fundamental role these associations play in the cultural dynamization of the region by providing a diverse offer that fills a cultural gap. The events they organize constitute spaces of sociability with a familiar atmosphere, where different types of bonds are created, including friendships, professional ties, and others. They also contribute to the connection between populations of the municipalities and reinforce the sense of belonging to the region.

The study also concludes that culture is regarded as a fundamental tool for development, education, diversity, and critical thinking, becoming indispensable for learning how to live together.

In short, cultural associations are essential for small and medium-sized cities and their populations. They act as catalysts of networks and ties and promote development. Nevertheless, the work presents some limitations, but it opens paths for future research possibilities, such as expanding to other territories and agents, and undertaking long-term studies.

Key-words: Cultural associations; Culture; Small and medium-sized cities; social networks and ties.

Índice de Figuras (ou Ilustrações)

FIGURA 1 - ESPAÇOS ONDE DECORREM EVENTOS DAS ASSOCIAÇÕES	37
--	----

Índice de Tabelas

TABELA 1 - CARACTERÍSTICAS SOCIODEMOGRÁFICAS DAS PESSOAS ENTREVISTADAS.....	43
---	----

Lista de abreviaturas e siglas

ACLL ASSOCIAÇÃO CULTURAL LUÍS LIMA

PSR PARTY. SLEEP. REPEAT.

Introdução

A cultura alternativa e *underground* tem sido algo fascinante desde a sua origem, não só pela própria arte ou pelas diferentes estéticas que incorpora, mas sobretudo pela atitude e forma de agir das pessoas que neste campo ou subcampo participam. Olhando de uma perspetiva mais abrangente ou focando nas subculturas específicas que a cultura alternativa abrange, algo que sempre me interessou aqui foi o modo como as pessoas se organizam, entre públicos, artistas, técnicos, e por aí fora.

Neste mundo, as pessoas organizam-se coletivamente em prol da arte e dos seus interesses, criam formas de interajuda e colaboração, formas de promover o seu trabalho ou o de outros, etc., mas sobretudo formas de disfrutarem desta arte. Os músicos fazem bandas e projetos que inspiram outros. Criam-se *labels* independentes para promover o trabalho dos artistas e ajudar outros. Organizam concertos e festivais, muitas vezes das formas mais DIY possíveis. Criam-se e dinamizam-se *venues* como bares para que haja concertos, ou criam-se galerias, para que os artistas tenham palco ou exposição. A lista é enorme e poderia-se escrever sobre isto eternamente, mas algo que me interessa efetivamente destacar é a formação de coletivos e associações, formadas com este objetivo de dinamização cultural.

Partindo deste ponto, sempre foi também do meu interesse a forma como as pessoas se associam e organizam para coletivamente “fazerem coisas”, sejam essas coisas as mencionadas acima, lutar pelos seus direitos, entre outras, assim como, o modo como estas formas coletivas de fazer coisas partem de interesses comuns que não sejam lucros ou a conquista de poder. É desta forma que o associativismo ganha um espaço especial no meu interesse, no papel de investigador, especialmente o associativismo cultural associado às práticas da cultura musical alternativa.

Para além disso, um outro importante aspeto que motiva a pesquisa é a relação com o território. Cidades como São João da Madeira e Santa Maria da Feira, ainda que tenham alguma urbanidade e centralidade, continuam de alguma forma periféricas quando comparadas com grandes cidades como o Porto e Lisboa, sendo, neste caso, bastante periféricas ao Porto até. Um aspeto em que se nota claramente uma distinção é no

reconhecimento académico que estas pequenas cidades têm. Enquanto temos, e ainda bem, imensa pesquisa sobre cidades maiores, as pequenas cidades carecem de mais estudo. Torna-se, então, altamente pertinente para mim, enquanto alguém que faz a vida nestes territórios e enquanto estudante de Sociologia, poder dar algum tipo de contributo e visibilidade para os mesmos, sobretudo às pessoas que neles habitam e que procuram também contribuir para os mesmos, neste caso, na área cultural e artística.

Também na minha vida pessoal fui convivendo com este tipo de cultura, enquanto público, ou fã, e músico, e frequentando os eventos e iniciativas relacionados que iam acontecendo na região. As experiências que fui vivenciando neste contexto fizeram-me refletir acerca da importância deste tipo de eventos nestas pequenas cidades, uma vez que sempre os vi como escassos, mas também comparar com o que acontecia em cidades maiores, especialmente o Porto, e tentar perceber o que distinguia estes territórios.

As vivências associadas a este contexto cultural e musical, especialmente da música ao vivo, abriram-me portas a novos mundos, expuseram-me a diversidade cultural e humana. Deram-me oportunidades para conhecer pessoas novas e criar laços mais ou menos fortes, alguns tornaram-se em amizades, outros em importantes oportunidades e projetos. Esses laços levam-nos a outra peça fundamental desta dissertação: compreendê-los sociologicamente, perceber qual é a sua importância e como são formados neste contexto.

São estas as motivações que conduzem esta investigação e constituem as suas temáticas centrais: cultura, associativismo, laços e pequenas/médias cidades. Posto isto, a dissertação passa pelo estudo de três associações culturais altamente relevantes, especialmente para o caso da música alternativa, em Santa Maria da Feira e São João da Madeira, e que interligam todos esses pontos. São também associações com as quais já fui tendo contacto pela participação em alguns dos seus eventos. Estas são a Associação Cultural Luís Lima, a Basqueiro e a Associação de Jovens Ecos Urbanos.

Os principais interesses da investigação passam então por querer compreender a dinâmica cultural em pequenas e médias cidades e como ela é vivenciada e percebida pelas pessoas, qual é o papel destas associações na dinamização cultural, o que fazem e de que forma são capazes de criar laços entre as pessoas, assim como contribuir para a região. A relevância do objeto de estudo justifica-se por várias razões. Primeiramente, pelo contributo para o estudo das pequenas e médias cidades em Portugal, em especial das duas que são focadas. Como já referido, estes territórios ficam um pouco na sombra em termos académicos. Pretende-se assim dar mais um pequeno contributo e alguma informação acerca destas pequenas/médias cidades, assim como contribuir de alguma forma para as mesmas. Também compreender mais um pouco o tipo de dinâmicas culturais existentes e distintas, assim como o papel das associações culturais e as suas capacidades e potencialidades. Por último, é também relevante estudar a formação de laços, os sentimentos de pertença e a construção de redes, numa era cada vez mais individualizada e polarizada, marcada pela fragilidade e pela fluidez.

Tentando concentrar tudo numa questão que abarque a diversidade de temáticas, mas que mantenha o fundamental, surge a seguinte questão de partida:

De que forma podem as associações culturais ser promotoras da construção de redes e laços sociais entre pequenas e médias cidades como São João da Madeira e Santa Maria da Feira?

Para dar resposta a esta questão de investigação, sugerem-se os seguintes objetivos: i) Mapear um conjunto de associações culturais na chave nos municípios para a dinamização cultural e construção de laços; ii) Identificar redes e laços sociais formadas entre pequenas e médias cidades através da cultura, olhando para o caso de São João da Madeira e Santa Maria da Feira; iii) Compreender a dinâmica cultural nestes territórios; iv) Perceber de que forma a atividade das associações culturais é promotora da construção das redes e laços entre os dois municípios; v) Caracterizar o tipo de redes e laços que são formados neste contexto; vi) Entender o papel que a cultura e as associações culturais podem desempenhar no desenvolvimento.

Esta dissertação encontra-se estruturada em quatro partes principais. Primeiramente, o enquadramento teórico, que procura explorar a relação entre cultura, artes, política cultural e participação, também a questão da formação de redes e laços e a noção de comunidade e ainda os conceitos de associativismo cultural assim como se relacionam com desenvolvimento. No segundo capítulo, explora-se a abordagem metodológica e o paradigma que guiam a investigação, começando por explorar a visão construtivista e depois os métodos e técnicas específicos – as entrevistas e a abordagem etnográfica. No terceiro capítulo, são analisados os dados recolhidos, começando com uma contextualização breve com alguma informação quantitativa sobre os dois municípios, seguida de uma contextualização sobre cada associação, a sua história e o tipo de trabalho que faz. Depois disso, são analisados os dados das entrevistas e do diário de campo em relação com as temáticas sobre as quais a dissertação se foca. Por último, temos o capítulo das conclusões e pistas futuras, onde se procura dar resposta à questão de partida e aos objetivos, assim como são apresentados os principais resultados obtidos. Para além disso, reflete-se sobre algumas das limitações envolvidas na investigação e sobre possíveis formas de continuar a estudar este tema com este objeto de estudo.

Para terminar a introdução, ao nível dos resultados, espera-se que este trabalho traga um importante diagnóstico acerca da relação entre a cultura e a formação de redes e laços. É esperado que a dissertação contribua para um conhecimento mais aprofundado desta região que, tal como outras do país, tem menor visibilidade académica face aos grandes centros urbanos. É também importante que esta dissertação possa servir para o avanço na discussão em torno das pequenas e médias cidades, em especial da dinâmica cultural nas mesmas. Espera-se ainda que os resultados obtidos possam chamar à atenção, especialmente a nível local, para a importância da cultura, do associativismo e do trabalho em rede para as populações.

1. Coordenadas teóricas e conceptuais da investigação

Esta dissertação pretende abordar o papel de algumas associações culturais que atuam nos municípios de São João da Madeira e Santa Maria da Feira, nomeadamente, na construção de redes e laços sociais, com destaque para as redes de sociabilidade, e na dinamização cultural dos mesmos. Para tal, é necessário olhar para estas pequenas/médias cidades, com dinâmicas culturais, sociais e económicas distintas das que vemos em cidades de maior dimensão como Lisboa e Porto. Partindo da questão de investigação, os objetivos já formulados estão, por um lado, diretamente relacionados com o trabalho das associações, e por outro, às redes e laços sociais. No entanto, esta investigação tem um foco na vertente cultural e artística das associações, pelo que é também necessário uma abordagem, tanto teórica como empiricamente, nesta questão. Para tal, adotou-se uma visão que olha para estes fenómenos do ponto de vista coletivo, participativo e descentralizado, pela especificidade territorial e pela forma de trabalhar associativa. Pretende-se salientar aqui a importância que estes laços e este trabalho têm para as populações.

Este enquadramento estrutura-se assim a partir da ótica de três eixos diferentes que nos permitem explorar os conceitos necessários: a cultura; as associações; e as redes e laços sociais. A exploração teórica através destes três eixos permitir-nos-á compreender diferentes contextos que implicam, através dos pontos de vista salientados anteriormente, sustentando depois o trabalho empírico desenvolvido.

1.1. Cultura, artes, política cultural e participação

Habitualmente, as artes e a cultura são vistas como atividades individuais centradas nos artistas, enquanto figura principal que detêm o “talento”, ignorando todas as restantes atividades necessárias para a produção de uma obra ou performance artística, sendo estas, e quem por elas está responsável, muitas vezes descartadas como atividades de “apoio” (Becker, 2010, p. 29). Contudo, a Sociologia tem desempenhado um importante papel na desmistificação desta noção. Aqui torna-se fulcral o trabalho de Howard S. Becker, que nos mostra que “todo o trabalho artístico, tal como toda a actividade humana, envolve a actividade conjugada de um determinado número,

normalmente um grande número, de pessoas.” (Becker, 2010, p. 27) Os artistas estão assim inseridos em amplas e, por vezes, complexas redes de cooperação, em que interagem e estão relacionados com diversos atores que desempenham diferentes papéis. “As marcas dessa cooperação encontram-se sempre presentes na obra. As formas de cooperação podem ser efémeras, mas na maioria dos casos dão origem a padrões de atividade colectiva aos quais podemos chamar mundos da arte.” (ibidem)

Antes de avançarmos com o conceito de mundo da arte, como entendido por Becker, consideramos relevante expor aqui, de forma generalizada, quais são essas atividades e tarefas que compõem esses mundos das artes, para posteriormente podermos enquadrar o papel (ou os papéis) das associações culturais sobre as quais nos vamos focar.

Becker vai-nos mostrando em que é praticamente impossível o artista trabalhar sozinho. É importante pensar então como é que os “participantes repartem entre si as diversas tarefas” (Becker, 2010, p. 32), como o faremos aqui de forma geral, uma vez que este não é o foco principal do trabalho. O autor enuncia então diversas atividades que compõem este circuito, que podemos explorá-las através de um exemplo de uma banda de música. Primeiramente, antes de os artistas poderem compor ou tocar música, eles vão precisar de equipamento e material para tal, necessitando desde início que estes sejam fabricados e distribuídos (*ibidem*, p. 29) Caso queiram, por exemplo, gravar um álbum, necessitarão de pessoas e equipamentos especializados para a gravação do mesmo.

“Após a conclusão de uma obra, os artistas precisam de a difundir, de encontrar um mecanismo de distribuição, que a torne acessível às pessoas suscetíveis de a apreciarem e que [...] lhes forneçam os meios materiais que permitam realizar mais obras.” (Becker, 2010, p. 99) Aqui entra o papel dos sistemas de distribuição e de quem integra os mesmos. Ainda que estes sistemas se possam apresentar sob inúmeras formas, todos estão essencialmente ligados ao financiamento dos artistas e em fazer chegar a obra ao público. Podemos aqui integrar os “intermediários especializados” que “põem as obras à disposição dos públicos que as apreciam” (*ibidem*). Para concluir mais rapidamente, as obras precisam de validação, sendo necessários públicos que as aceitem, validem e até

paguem, por exemplo, para um concerto ou pelo álbum que a banda gravou, tornando-se também em parte dos mundos da arte.

Poderíamos ainda, enumerar uma data de outras tarefas e atividades necessárias e adjacentes à produção de uma obra de arte. Contudo, já é suficiente para perceber que o artista não trabalha isoladamente, e a obra, no seu estado final, é como é, em resultado dessa cooperação em rede. Adiante veremos qual será o papel das associações na mesma.

Compreendendo a importância deste trabalho coletivo nos mundos das artes, poderá ser importante pensar no modelo de política cultural que enquadra este trabalho. Apenas desta forma será possível olhar para o trabalho feito pelas associações culturais em estudo e perceber o seu valor e papel. Face a isto ter-se-á por base a noção de Democracia Cultural.

Para que se possa apresentar este conceito, é imprescindível apresentar o modelo da Democratização Cultural em primeiro, uma vez que este o antecede cronologicamente. Este é o paradigma que pinta o nascer da política cultural em França, na segunda metade do século XX, com o aparecimento do Ministério dos Assuntos Culturais (Lopes, 2007, p. 76) e que inspirou “uma primeira vaga de políticas culturais em muitos outros países”. (Carta do Porto Santo, 2021, p. 6) O principal objetivo da Democratização consistia então em trazer “ao maior número de pessoas, as obras-primas da humanidade” (Carta do Porto Santo, 2021, p. 5).

Este modelo apresenta-se então numa lógica top-down, em que existe uma visão hierarquizada da cultura, em que a cultura erudita é, de forma arbitrária, vista enquanto superior e a que merece ser levada a todos por quem tem poder (Carta do Porto Santo, 2021, p. 5; Lopes, 2007, p. 80). Desvaloriza ainda toda a diversidade de diferentes práticas culturais e até “os próprios cidadãos” (Carta do Porto Santo, 2021: 5) que não são vistos como “públicos da cultura [...], mas, preferencialmente, como «povo» ou «Nação»” (Lopes, 2007, p. 81), desrespeitando a sua própria diversidade e a sua capacidade de serem “agentes de cultura” (Carta do Porto Santo, 2001, p. 5).

Tendo em conta, todas as críticas a este modelo e o seu falhanço, aparece, por oposição, a proposta da Democracia Cultural, que “advoga a criação de condições para uma participação mais ativa e o reconhecimento das práticas culturais dos diferentes grupos sociais” (Carta do Porto Santo, 2021, p. 6). Este é um modelo que reconhece a capacidade das populações enquanto agentes culturais, procurando uma forma de “empowerment por parte das populações” (Lopes, 2007, p. 84). Os cidadãos devem ser vistos enquanto capazes de “participarem e decidirem a vida cultural das comunidades” (Carta do Porto Santo, 2021, p. 6). Para além disso, a Democracia Cultural promove que “não se deve restringir a cultura ao património artístico [...], mas reconhecer-lhe uma aceção bastante mais larga” (Crevoisier, cit. por Lopes, 2007, p. 85). Para tal, como descrito na Carta do Porto Santo (2021, p. 6), “é preciso dar acesso aos meios de produção cultural e democratizar os processos de decisão”.

Contudo, este também não é um modelo totalmente ausente de críticas. Como Lopes (2007, p. 85-87) indica, poderão haver tendências de “populismo” ou “voluntarismo”. Neste sentido, tanto Lopes (2007) como a Carta do Porto Santo (2021) propõem a complementaridade dos dois modelos, que nos será útil para perceber o trabalho das associações, uma vez que “o conhecimento e o acesso às grandes obras da humanidade, do passado ou contemporâneas não se deve opor à participação no ato criativo ou à valorização de diferentes tradições e de novas narrativas” (Carta do Porto Santo, 2021, p. 7), devendo manter os princípios democráticos e de igualdade que o modelo da Democracia Cultural defende.

É agora relevante olharmos para a realidade cultural nas pequenas e médias cidades, uma vez que nos vamos focar neste tipo de territórios. Silva et. al (1998) procuraram identificar os agentes culturais e públicos que dinamizavam a oferta e a procura, no que toca às artes e à cultura neste tipo de cidades no norte de Portugal. Os autores identificam que estas cidades não dispunham de “uma oferta mínima continuada de bens, serviços e acontecimentos” (*ibidem*, p. 81) culturais, como resultado do “baixo nível geral de dotação em equipamentos, serviços culturais estruturantes e serviços económicos e sociais directa ou indirectamente articulados ao campo da cultura e do lazer”. (*ibidem*) Por último, é importante indicar que devido à débil “rede de

protagonistas e empreendedores de iniciativas culturais locais” (*ibidem*), os autores identificam como principais agentes dinamizadores da cultura a “administração pública e instituições associativas” (*ibidem*, p. 80).

Neste contexto, as associações desempenham um papel muito semelhante ao que é observado por Ferro et. al (2016) no seu trabalho sobre artistas imigrantes em Portugal, ainda que olhando para territórios e questões diferentes. Obviamente, estudar o contexto da cidade de Lisboa difere bastante de estudar pequenas e médias cidades. Contudo, tal como para os artistas imigrantes brasileiros na cidade de Lisboa, “a falta de enquadramento institucional para a prática quotidiana de desenvolvimento artístico, mais valorizada, leva estes atores a ‘inventarem’ formas de a colmatar” (*ibidem*, p. 144). O mesmo pode acontecer para as associações culturais que se organizam também para dar resposta a essa falta de oferta de bens, serviços, equipamentos culturais, entre outros, nas pequenas e médias cidades, como vimos com Silva et. al (1998).

Um outro importante conceito para incluir será o de “circuito”. Visto que estamos a estudar o modo como as associações culturais promovem a mobilidade e a formação de redes entre populações de diferentes municípios, torna-se relevante compreender se e como é que através das atividades que desenvolvem e dos locais onde as realizam, podem constituir ou incluir-se num circuito cultural, artístico e/ou de sociabilidade relevante para as pessoas que o frequentam, desde públicos a artistas.

De acordo com Magnani (2002, p. 23), o circuito “descreve o exercício de uma prática ou a oferta de determinado serviço por meio de estabelecimentos, equipamentos ou espaços que não mantêm entre si uma relação de contiguidade espacial, sendo reconhecido em seu conjunto pelos usuários habituais”. Um exemplo prático pode ser pensar no circuito da subcultura da música rock, em que os seus integrantes visitam um determinado conjunto de bares, lojas ou outros espaços. Este conceito é também relevante para o trabalho na medida em que permite dar destaque aos espaços que compõem o circuito enquanto fomentadores da circulação de pessoas pelo território e da formação de laços e redes. Como podemos ver no trabalho de Ferro et. al (2016) sobre artistas imigrantes em Portugal, nomeadamente no circuito da música cabo-verdiana, percebe-se que os espaços que compõem o circuito, nomeadamente os bares

no bairro da Cova da Moura atraem pessoas não só do bairro, mas de toda a região. Como dizem os autores, “a maioria dos músicos que lá toca provém de outras zonas dos subúrbios de Lisboa, assim como parte significativa do público que para ali se desloca” (ibidem, p. 106).

Para o caso desta investigação, poderá ser benéfico alargarmos o circuito para além de espaços físicos, de forma a pensarmos também no conjunto de eventos organizados por estas associações enquanto espaços simbólicos, sendo mais fácil assim incluir os festivais ou concertos. Para além disso, ainda numa fase teórica, pode ser arriscado olhar para estas associações enquanto o “centro” do circuito, mas antes como uma parte de um circuito maior associado à cultura na região, que envolva eventos organizados por outras entidades e outros espaços e que possa até transcender os municípios de São João da Madeira e Santa Maria da Feira.

1.2. Redes, laços e comunidade

Robert Putnam fala-nos num declínio do capital social, isto é, um conjunto de “features of social organization such as networks, norms, and social trust that facilitate coordination and cooperation for mutual benefit” (Putnam, 2000, p. 225). Putnam observa esta queda, no caso dos EUA, referindo que é também observável noutras sociedades contemporâneas, através da diminuição da participação cívica e comunitária, por exemplo, com a diminuição da participação em atividades políticas, eleições, sindicatos, clubes ou associações, como é relevante para o nosso caso.

Por oposição, observa-se um incremento de práticas e atividades cada vez mais individualizadas ou em “contratendências” à tese de Putnam, como a participação em organizações terciárias, organizações sem fins lucrativos ou grupos de apoio, mas cujo vínculo se apresenta como superficial e associado mais à causa ou temática, sem a criação de fortes laços de proximidade ou redes entre os membros, não estimulando o crescimento de capital social, como as associações tradicionais (ibidem, p. 228 – 230). Também Zygmunt Bauman (2000, 2003) apresenta-nos uma visão de uma sociedade cada vez mais individualizada onde os laços humanos são cada vez mais frágeis naquilo a que chama de modernidade líquida.

Uma sociedade com maior capital social e participação cívica é, segundo alguns académicos, altamente importante para a democracia (Putnam, 2000, p. 223). Putnam também refere que vários autores, nomeadamente neo-tocquevillianos, têm vindo a demonstrar que “the quality of public life and the performance of social institutions [...] are indeed powerfully influenced by norms and networks of civic engagement [...] successful outcomes are more likely in civically engaged communities.” (ibidem, p. 224)

Tendo em conta estas questões de participação cívica e associativa e a sua implicação no capital social e nas redes, importa explorar a noção de comunidade e de rede social. Começando pela primeira, importa mencionar que ainda que “comunidade” seja um termo impreciso, ele é regularmente utilizado para se referir a uma “entity that is cohesive, hangs or sticks together, and has clear boundaries” (Blokland, 2017, p. 6).

Como sugere Bauman (2001), a palavra “comunidade”, como a representamos no dia-a-dia, é sempre vista e usada de forma positiva, no sentido em que vemos como algo bom “pertencer a uma comunidade” ou “envolver a comunidade”. A “comunidade” é, então, percecionada no senso comum como a “a cosy and comfortable place [...] one to which we dearly hope to return, and so we feverishly seek the roads that may bring us there” (ibidem, p. 1-3). Contudo, é mais uma nostalgia por algo não vivenciado, uma vez que representa um espaço imaginário de segurança, pertença, ligação, confiança e apoio (ibidem) face à realidade fluída, fragmentada, insegura, precária e em constante mudança na era da modernidade líquida (Bauman, 2000).

Tendo em conta esta boa sonoridade e o conforto da palavra “comunidade”, juntamente com um conjunto de conotações positivas associadas à mesma, esta foi demasiado utilizada e tornou-se imprecisa, adquirindo diversos significados, interpretações e narrativas que a tornam conveniente para todo o tipo de discurso. (Blokland, 2017, p. 6). Isto levou a que, de acordo com Gitlin (cit. por Hobsbawm, 1996, p. 40), esta palavra tenha sido usada de forma tão indiscriminada como nunca, mesmo numa era em que, nas suas palavras, “communities in the sociological sense become hard to find in real life” (ibidem).

Contudo, esta saturação da “comunidade” não acontece apenas no quotidiano ou nos discursos políticos e mediáticos, ela está também presente na academia e acompanhada de diferentes tipos de narrativas. Na sua obra “Community as Urban Practice”, Talja Blokland (2017) apresenta-nos as várias formas como a comunidade tem sido pensada pelos cientistas sociais ao longo do tempo, assim como na política e no uso comum.

Começando pelas visões mais clássicas em torno da comunidade, importa entender que neste tipo de visões, como as de autores da Escola de Chicago, a “comunidade”, vista como algo orgânico e fixa a um espaço físico ou a grupos sociais, foi-se perdendo, em resultado da urbanização que terá destruído os laços naturais da comunidade associada ao modo de vida real, como é o caso de Wirth (1938, cit. por Blokland, 2017, p. 16). Esta é uma visão essencialista e romântica sobre a comunidade, que segue de certa forma a ideia de passagem de *Gemeinschaft* para *Gesellschaft* (comunidade para sociedade) de Tönnies (1887, cit. por Blokland, 2017, p. 16). Não obstante, tanto a visão da comunidade enquanto fixa a um grupo e/ou espaço como a narrativa de que a comunidade desapareceu, trespassaram para discursos quotidianos e mediáticos. A autora argumenta então que a comunidade não desapareceu, mas antes transformou-se com os processos de urbanização, industrialização e, mais recentemente, globalização, afastando-se das visões romantizadas e morfológicas da comunidade, ainda falsamente dicotomizadas pelo urbano e o rural. (*ibidem*)

Por outro lado, surgiram abordagens que se afastam desta e olham para a comunidade através da ótica das redes sociais e dos laços que os indivíduos formam, por oposição a algo fixo a um espaço. Estas abordagens pensavam nestas redes enquanto “comunidades pessoais”. De acordo com Pahl (2005, cit. por Blokland, 2017, p. 32), as comunidades pessoais consistem em:

“intimate, active ties, about which people in his research had generally positive feelings. They felt moral obligations towards their chosen and given ties, and contacts built over a long time gave them a sense of continuity, identity, and belonging.”

Apesar desta visão incorporar muito mais as transformações da sociedade e da comunidade através da sua compreensão de uma realidade mais líquida, não fixa ao

mesmo espaço ou formato, ainda assim não seria completa de acordo com Blokland (2017). Esta abordagem olha para a comunidade de forma individualizada e dependente de cada um e da rede em que está inserido, em vez de algo coletivo, ignorando também um conjunto de práticas e a dimensão cultural e simbólica que compõem as comunidades (*ibidem*).

Para terminar esta revisão à viagem da autora pela literatura em torno da comunidade, importa olhar para a comunidade enquanto cultura, tratando a mesma no seu sentido antropológico e não artístico, como tratada no capítulo anterior. Apesar de a comunidade não ser algo fixo e delimitado geograficamente, como já abordado, o espaço continua a desempenhar um papel importante na mesma, uma vez que é intrínseco às práticas, representações, símbolos e modos de pensar e agir das pessoas. Como diz Blokland (2017), “there is an important urban dimension to the notion of community.”

Geertz (cit. por Blokland, 2017, p. 44) define a cultura como um “system of symbols and meanings”. Anthony Cohen (cit. por *ibidem*) considera que os símbolos definem o núcleo da cultura e que a comunidade existe através de símbolos, tornando-se dessa forma um conceito cultural. A cultura, por sua vez, não é algo fixo, associado a um grupo ou espaço ou até ao tempo, mas está sob constante mudança e é um “process of constructing collective identity” (Knauff, cit. por *ibidem*, p. 46). Posto isto, se a comunidade é cultural ou cultura, ela tem de ser vista da mesma forma: em constante mudança e interação. (*ibidem*, p. 45)

Tendo tudo isto em conta, Blokland (2017) apresenta, então, uma noção de comunidade, numa era de rápida globalização e alta mobilidade, enquanto um conjunto de práticas e performances sociais e culturais, com símbolos e significados, ao invés de um grupo fixo de pessoas associado a um local ou uma etnia, como o termo está muitas vezes associado a. A autora pretende então pensar a comunidade através das “lens of various forms of social relations – from fluid encounters to durable engagements” (*ibidem*, p. 11). É através destas formas de relacionamento que vamos olhar para o papel das associações na construção de redes entre os territórios de São João da Madeira e Santa Maria da Feira.

Antes de olharmos para estas formas de relacionamento e de construir comunidade que Blokland desenvolve, importa olhar para o conceito de rede social, como antedito. O termo rede e o que implica é já amplamente usado na sociedade civil e não apenas na academia (Portugal, 2007, p. 1). Quando pensado enquanto rede social, é altamente relevante para as ciências sociais e em específico para a Sociologia, remetendo para “um conjunto de unidades sociais e de relações, directas ou indirectas, entre essas unidades sociais, através de dimensão variável” (Mercklé, 2004, cit. por *ibidem*, p. 23). Permite-nos assim perceber as relações entre indivíduos, grupos e instituições, através de várias escalas. Sendo altamente relevantes do ponto de visto analítico.

De acordo com Sílvia Portugal (2007, p. 24), as redes são compostas por “nós” e “laços”. “Os nós são os elementos da rede, identificados pela relação que têm com ego. Os laços – as relações entre os nós da rede – podem ter características muito diferentes.” Estes laços são várias vezes caracterizados de diferentes formas seja na base da existência de relações de parentesco, enquanto “positivos ou negativos”, “fortes ou fracos” ou “passivos e activos” (Portugal, Lemieux, Granovetter, Milardo, cit. por Portugal, 2007:24).

Robert Putnam utiliza também esta noção de laços fortes e fracos. Blokland (2017, p. 34) afirma que Putnam “seems to suggest that each possible ties fits into one of these categories”. Contudo, a autora considera esta uma “problematic distinction” (*ibidem*, p. 35), assim como insuficiente.

Uma vez que considera que os laços sociais devem ser classificados de acordo com a orientação das ações envolvidas nessas relações dado que são construídas através de práticas e performances sociais, por oposição a critérios como “família” ou “amizade” que arrisca também um viés cultural, Blokland (2017, p. 71-73) propõem então uma tipologia de laços sociais assente em quatro tipos-ideias de laços sociais que contribuem para a construção de comunidade. Estes estruturam-se a partir de dois eixos: um continuum entre instrumentalização e sociabilidade; e outro baseado na maior ou menor racionalidade desses laços, no sentido weberiano (Weber, cit. por *ibidem*, p. 71). Os tipos de laços são então: “transactions”; “attachments”; “interdependencies”; e “bonds” (*ibidem*, p. 73).

Antes de descrevermos estes laços, importa primeiro falar no que a autora chama de “durable engagements” e “fluid encounters” (Blokland, 2017, p. 66-71), uma vez que são altamente relevantes para percebermos outros tipos de relações sociais que contribuem para a construção da comunidade através da cultura e de diversas práticas e o modo como se relacionam com os quatro tipos de laços mencionados anteriormente. Os durable engagements são as relações que são formadas ao longo do tempo pela frequência repetida de determinada instituição ou atividade, mas que não dependem necessariamente do reconhecimento da individualidade do outro. Um exemplo, relacionado com o tema da pesquisa, poderá ser as mesmas pessoas conhecerem-se e encontrarem-se frequentemente em eventos das associações por ambos serem participantes. Já os fluid encounters dizem respeito às interações comuns não planeadas no dia a dia com as quais nos deparamos no caminho para as outras coisas, como passarmos pelas mesmas pessoas na rua com regularidade. Estes encontros não implicam nenhuma intenção em comum entre duas ou mais pessoas, nem dependem da nossa interação com as mesmas. (ibidem)

Passando aos quatro tipos de laços mencionados anteriormente e começando pelos attachments, estes assemelham-se bastante aos durable engagements e chegam muitas vezes a tomar a forma destes e vice-versa, tratam-se de “relations without a central goal, in which performances are are intrinsically experienced as meaningful. [...] We may feel attached to other and focus our performances on them even if those others do not exist for us as concrete individuals.” (Blokland, 2017, p. 74) Trata-se de um laço associado à racionalidade e orientada para os valores, que implica práticas associadas, por exemplo, à frequência de determinadas instituições ou serviços. No entanto, attachments são também pautados pela sociabilidade, uma vez que traços de afetividade são comuns porque tratam-se também de práticas orientadas por valores (ibidem). Neste caso, à semelhança dos durable engagements, podemos exemplificar os attachments com as relações de sociabilidade que formamos com pessoas que frequentam os eventos das associações, com as quais mantemos alguma simpatia e afetividade e vamos desenvolvendo esse laço.

É principalmente neste ponto que os attachments se distinguem das transactions. De acordo com Blokland (2017, p. 80), estas são relações que apesar de serem também racionais, são orientadas para a instrumentalidade, ao invés da sociabilidade e relacionam-se com os papéis que os indivíduos têm ou representam naquela interação mais do que entre os indivíduos em si. Podem ser até vazias de uma relação entre os indivíduos e até sem uma cara propriamente dita, mas antes de um “corporate actor” (Coleman, cit. por ibidem).

Continuando nas relações instrumentais, falamos agora nas não racionais, como é o caso das interdependencies, que se aproximam bastante dos fluid encounters. Segundo a autora (Blokland, 2017, p. 78), as primeiras distinguem-se conceptualmente dos segundos, devido a duas características fundamentais: uma breve ou até ausente interação cara-a-cara; e terem um possível nível de abstração que nem envolve racionalidade ou afetividade em relação às pessoas envolvidas. “While people may not care about others with whom they are linked through chains of interdependence, such interdependencies are an integrative social force.” (ibidem)

Por último, mas altamente importantes, são os bonds, um tipo-ideal de laço não racional e de sociabilidade. Estes são os laços fortes anteriormente mencionados. Dizem respeito aos laços mais pessoais e íntimos, tendo por base a afetividade e, ao contrário dos attachments, as relações são focadas nos indivíduos com personalidade própria. “Emotions or morality – or both – determine the content of bonds as they come about through practices. People bond with unique individuals, who are not simply interchangeable”. (Blokland, 2017, p. 75)

1.3. Associativismo cultural e desenvolvimento

Passando agora a uma exploração mais aprofundada do que são as associações, pode-se definir uma associação como “todo o grupo de indivíduos que decidem, voluntariamente, pôr em comum os seus conhecimentos ou actividades de forma continuada, segundo regras por eles definidas, tendo em vista compartilhar os benefícios da cooperação ou defender causas ou interesses” (Meister, cit. por Viegas, 2004, p. 34). Estas distinguem-se assim de outras formas de organização coletiva que

funcionam por lógicas não voluntárias ou por interesses de mercado e para ter fins lucrativos, como empresas.

O associativismo tem sido objeto de estudo na sociologia, quase desde os primórdios, até por autores clássicos como Tocqueville e Durkheim. Tocqueville defendia, sob uma perspectiva liberal, que o associativismo teria a capacidade de criar formas de sociabilidade para as sociedades modernas assentes em novos valores que substituiriam as das sociedades tradicionais, com a emergência e reconhecimento da individualidade (Viegas, 1986, p. 109). Para Tocqueville, as associações eram altamente importantes para o bem-estar e o desenvolvimento das democracias modernas e representariam a articulação entre dois valores que considerava fundamentais: a liberdade e a igualdade (*ibidem*, p. 108). Durkheim olhava para a sociedade moderna através das lentes da solidariedade social, argumentando que esta teria uma solidariedade social mecânica e fraca consciência coletiva, estando sujeita à anomia e aí defendia um tipo de associações específico: “as corporações ou argumentos de indivíduos pelo mesmo ofício”, que beneficiariam a coesão social e evitariam a anomia (*ibidem*, p. 110).

Dando o salto temporal, podemos falar em três grandes linhas teóricas acerca do associativismo, que em maior ou menor grau, são influenciadas por Tocqueville, como nos apresenta Lúcia Lüchmann (2014): uma linha teórica ligada ao conceito do capital social; outra associada aos movimentos sociais e à transformação; e, uma terceira, em torno do conceito de sociedade civil.

A primeira corrente do capital social, está obviamente ligada ao trabalho de Robert Putnam que vimos anteriormente. Recapitulando: esta olha para o associativismo como essencial para promover o capital social, os laços, as redes, a cooperação e, no fundo, a democracia e as suas instituições. Por outro lado, a visão dos movimentos sociais tende a focar-se na “dimensão conflitiva das ações coletivas” (Lüchmann, p. 166) para a transformação social, através de práticas disruptivas da ordem social. Ainda nesta linha teórica, as associações ou algumas associações “são partes constitutivas dos movimentos sociais, embora não se confundam com eles, os quais incorporam diferentes sujeitos e relações” (*ibidem*, p. 165). A terceira linha, destacada pela autora, associada ao conceito da sociedade civil, compreende o associativismo como algo

externo ao estado e ao mercado, capaz de trazer, por meio de vias mais comunicativas, à esfera pública da sociedade civil questões, temas e mudanças que são geralmente invisíveis, dentro da democracia liberal.

Neste sentido, importa olharmos para o trabalho de Helena Vilaça (2017) em torno das associações de moradores. Como a autora menciona, citando Touraine, “apesar da desigual distribuição do poder, ele é inerente aos vários agentes, o que permite alguma margem de manobra às colectividades no sentido de «agirem sobre si próprias»” (Touraine, cit. por Vilaça, 2017, p. 184), principalmente no que toca às ações coletivas, orientadas sob princípios e objetivos em comum que permitem a mobilização de recursos para a conquista do seu espaço. O trabalho das associações de moradores demonstra também a possibilidade de uma nova reconfiguração política, na medida em que, mesmo em condições desiguais, se conseguem mobilizar recursos para determinadas lutas ou outros objetivos, através da ação coletiva, que nos leva à própria descentralização do poder e a práticas mais democráticas (*ibidem*).

No entanto, e como é também salientado pela autora, não se trata apenas das associações de moradores mas também de outro tipo de associações, como as culturais e recreativas, que contribuem para a conquista de espaço de participação. Citando Vilaça (2017, p. 185), “o associativismo urbano surge como uma forma de organizar as populações e melhorar as suas condições de vida, tornando-as ao mesmo tempo autónomas e passíveis de representação perante o Estado e a autarquia.”

Contudo, muito do trabalho inicial desenvolvido sobre associativismo foi para o associativismo político ou focado na sua dimensão política, nomeadamente, em Portugal, no âmbito da História Económica e Social (Viegas, 1986, p. 103). Como será de conhecimento geral, existem diversos tipos de associativismo, sendo que nos vamos focar no associativismo cultural. Em Portugal, vários trabalhos têm já destacado a importância das associações culturais ou ligadas a atividades culturais na atualidade, como é o caso das dissertações de Ana Miguel (2021) e de Carolina Vieira (2020), que fala especificamente no caso de São João da Madeira. Estes dois trabalhos demonstram o papel que as associações culturais podem ter no desenvolvimento, pois o seu papel

vai além da dinamização artística e cultural que fazem, sendo capazes de potenciar a construção de redes e laços, a participação cívica e a inclusão social.

Para fechar este capítulo, considera-se também importante encadear a visão da cultura enquanto um elemento fundamental para o desenvolvimento. É aqui relevante a visão de José Machado Pais (2022) que nos mostra que apesar de muitas vezes a cultura ser vista de forma secundária no desenho de políticas e estratégias de desenvolvimento, em detrimento da dimensão económica. No entanto, a cultura deve ser vista como fundamental para o mesmo uma vez que pode contribuir intensamente “no que tange à qualidade da educação, ao bem-estar social, à igualdade de género, à sustentabilidade das cidades e regiões ou à redução das desigualdades sociais.” (*ibidem*, p. 19)

Para além disto, o autor menciona também a capacidade da cultura em criar laços de solidariedade social. A cultura permite-nos a partilha de sentimentos, emoções e construção coletiva de significados. “A música favorece a partilha de um fluxo de consciência em relação a outros” (Pais, 2022, p. 20). A cultura e a arte podem assim ser um “objeto de partilha” (*ibidem*), ajudando-nos a construir laços que acabam por se transformar em redes de solidariedade e interajuda.

2. Estratégia metodológica e procedimentos técnicos

2.1. Abordagem metodológica e entrada no terreno

Partindo da questão de investigação central da dissertação “De que forma podem as associações culturais ser promotoras da construção de redes e laços sociais entre pequenas e médias cidades como São João da Madeira e Santa Maria da Feira?” e dos respetivos objetivos formulados para lhe dar resposta, importa agora definir como operacionalizar tudo isto. Tendo em conta o objeto de estudo em questão e o próprio nível de análise microssociológico, propõem-se uma abordagem de caráter qualitativo para a dissertação. Esta estratégia metodológica permite-nos olhar de forma aprofundada para as relações e laços entre os atores sociais no terreno, seja por um lado entre as associações, entre as associações e as pessoas que participam nas suas atividades ou apenas entre estas segundas.

Posto isto, é importante denotar o paradigma construtivista subjacente à investigação. Nesta dissertação, procura-se partir dos pontos de vista dos atores presentes no campo e compreender os significados que atribuem às suas experiências e objetos (Creswell, 2014, p. 8), nomeadamente ao que é relacionado com o próprio tema. O investigador deve adotar um papel compreensivo, tendo por base também um conhecimento acerca do contexto histórico-sociológico do terreno e das questões que estão a ser investigadas.

Por outro lado, a investigação não se deve basear totalmente nos dados recolhidos empiricamente em campo e totalmente nas representações dos atores sociais em campo, uma vez que podem comportar alguns “riscos de alguma ingenuidade empirista” (Lopes et. al, 2010, p. 12) afastando-se de um enquadramento maior a nível teórico, contextual e até em termos de escala de olhar sociológico, uma vez que, apesar de nos focarmos num nível micro, este está englobado numa moldura maior. É necessário enquadrar teoricamente a investigação e olhar para estes dados à luz da teoria e dados já existentes em torno do tema. No entanto, não podemos também deixar que a teoria tome todo o controlo e nos cegue da empiria ou que até se sobreponha às vozes e vivências das pessoas com quem contactamos no terreno. Desse modo, poderíamos

estar a “contribuir para uma negação da própria realidade” (*ibidem*). O equilíbrio entre as duas permitirá que uma se vigie à outra e que estejam também em constante revisão.

Antes de desenvolver a metodologia principal a ser utilizada, importa falar no trabalho de campo exploratório que foi e está a ser desenvolvido no momento. Primeiramente, passou pelo mapeamento de um conjunto de agentes dinamizadores da cultura e das artes na região norte do distrito de Aveiro, com maior foco em São João da Madeira e arredores. Esta escolha prendeu-se pelo facto de ser a área de residência do investigador e pela existência de ligação prévia deste com terreno e alguns atores, conhecendo já a possibilidade de encontrar relações entre as populações dos territórios devido a estes circuitos artísticos. De modo a focar a pesquisa, escolheram-se os que tinham um estatuto de Associação e um papel de maior destaque na região. Em Santa Maria da Feira optou-se pela associação Basqueiro e em São João da Madeira optou-se por duas associações: a Associação Cultural Luís Lima e a Ecos Urbanos.

Numa segunda fase de exploração do terreno, o objetivo passou por contactar as associações e ter algumas conversas exploratórias, assim como, participar em alguns eventos das associações. Aqui destaca-se o projeto de residência artística “MISTURADORA 0.0”, dinamizado pela Basqueiro, em Santa Maria de Lamas (Santa Maria da Feira). Este projeto tinha como objetivo “misturar” diversos músicos da região em três projetos musicais distintos para criarem músicas que seriam apresentadas. Tive então a oportunidade de contactar e falar com um dos dirigentes da associação acerca do projeto e de começar a perceber de que forma é que esta residência e o restante trabalho da associação estariam alinhados com o objeto de estudo da dissertação. Para além disso, conversei ainda com alguns dos músicos que participaram na “MISTURADORA 0.0” acerca das suas perceções relativamente ao projeto e à dinâmica da cultura musical na região. Foi também o primeiro o momento em que tive oportunidade de introduzir o meu trabalho à associação, tendo conseguido contactar através de um dos dirigentes que já conhecia previamente devido a já ter trabalhado sobre o festival organizado pela associação, o “Basqueiral”, e por frequentar o mesmo habitualmente.

Para contactar as restantes associações, procedi ao envio de um e-mail. Com a Associação de Jovens Ecos Urbanos recebi uma resposta rápida e consegui marcar uma reunião com uma técnica de Animação Sociocultural da mesma, num dos espaços da associação. Nessa reunião introduzi o trabalho que estava a desenvolver e fomos falando e percebendo como alguma da atividade da associação se alinhava com o mesmo, assim como, algum do fundo teórico desta dissertação, nomeadamente nas questões da democracia cultural e da participação. A técnica falou-me também na “Semana da Juventude” em São João da Madeira, que é organizada pela associação, onde há concertos, workshops, conversas e outras atividades, aliás também centradas sobre estes temas, na edição de 2025. A técnica convidou-me também para me juntar a um grupo de voluntários para a organização da mesma, pelo que considerei importante aceitar para ter mais oportunidades de idas ao campo e conseguir um contacto mais próximo com a organização do evento em si.

Por último, para chegar à Associação Cultural Luís Lima, não consegui apenas com o e-mail. No entanto, a associação abriu uma *call* para voluntários para o festival que organizaram, o “Party Sleep Repeat”, e eu inscrevi-me. Enquanto voluntário, fiquei encarregue de controlar as entradas dos bastidores. Num desses momentos de trabalho, fui falando com um membro da associação com quem tive mais abertura e a certo ponto introduzi o meu trabalho e ele deu-me o seu e-mail pessoal para que o pudesse contactar futuramente e ele informar diretamente a associação.

2.2. Abordagem etnográfica

Passando agora aos procedimentos metodológicos específicos para o trabalho de campo principal desta dissertação, a metodologia deste trabalho baseia-se numa abordagem etnográfica de curta duração. A escolha deste tipo de abordagem revela-se pertinente porque permite um olhar mais aprofundado do objeto de estudo e alinha-se com as características compreensivas do paradigma construtivista (Creswell, 2014).

Tal como dizem Béaud & Weber (2007, p. 10), o etnógrafo “põe às claras a complexidade das práticas sociais mais comuns dos pesquisados, aquelas que são de tal forma espontâneas que acabam passando despercebidas”, sendo o ideal para compreender

os laços e as relações que são formados de forma aparentemente «natural», mas que, na verdade, resultam de um conjunto de práticas sociais e culturais, assim como de símbolos e significados atribuídos pelos atores, segundo Blokland (2017).

A etnografia é uma metodologia que recorre a diversas técnicas que, em conjunto, dão robustez aos dados recolhidos. No entanto, aquilo que a torna numa abordagem tão útil e importante é o facto de necessitar de uma presença no campo com os atores. A sua principal técnica é a observação participante, aliada do registo de notas dessas observações em diário de campo.

Face à necessidade de circular entre os espaços e diferentes eventos que a observação para esta investigação exige e recuperando a noção de circuito mencionada no enquadramento teórico, poder-se-á dizer que o trabalho de campo aqui desenvolvido se trata de uma abordagem etnográfica “multissituada” (Marcus, 1995), uma vez que decorrerá em vários lugares. Esta distinção face a uma abordagem mais comum torna-se relevante porque nos permite olhar para a “circulation of cultural meanings, objects, and identities in diffuse time-space”. (*ibidem*, p. 96).

Aliada a esta noção, podemos também recuperar o conceito, bastante similar e altamente relacionado, de “etnografia de fluxos”, ao qual Ferro (2015) recorre no seu trabalho, em que acompanhamos esses fluxos por onde os atores sociais circulam entre os diferentes espaços. Esta visão etnográfica entre a etnografia multissituada e a etnografia de fluxos revela-se fundamental neste trabalho uma vez que tentamos compreender exatamente a mobilidade entre os territórios e a formação de redes entre as populações de Santa Maria da Feira e São João da Madeira, em função de atividades que ocorrem entre os diversos espaços. Neste sentido, pode ser importante pensar aqui nos fluxos enquanto fluxos sociais e culturais. Estes fluxos podem manifestar-se assim na mobilidade de públicos, artistas e membros das associações, na circulação de práticas culturais e, sobretudo, nos laços que são formados e nas redes construídas por consequência.

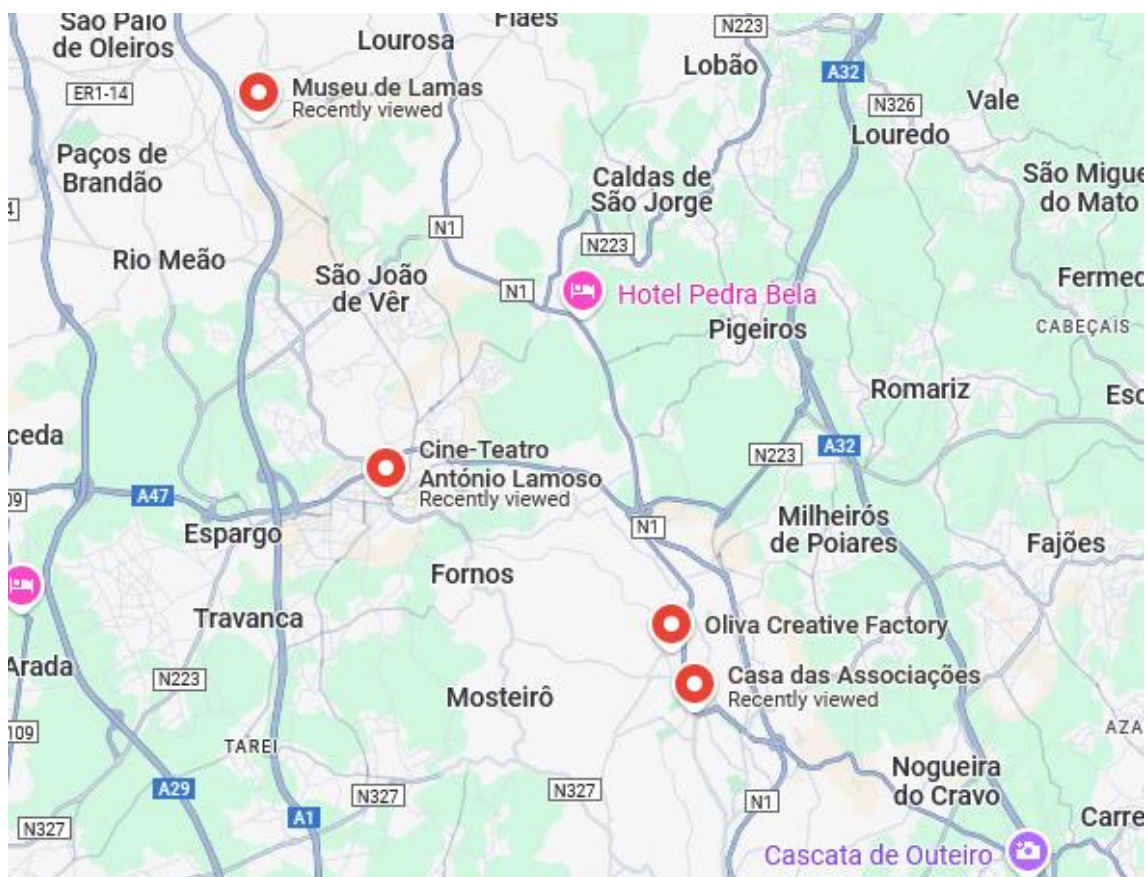
Para melhor exemplificar esta questão, podemos olhar para a figura 1 abaixo com um mapa e a identificação dos espaços onde as associações desenvolvem eventos e o seu

trabalho. Começando por Santa Maria da Feira, destaca-se o Museu de Lamas, em Santa Maria de Lamas, espaço onde decorrem vários eventos da Basqueiro, em especial o Basqueiral, assim como nos jardins envolventes na Vila. Alguns dos eventos e partes dos mesmos ocorrem dentro do próprio museu, nomeadamente a exposição Basqueirart que durante o próprio festival. Outros eventos como o *warm-up* do festival decorrem também dentro do museu normalmente, ou apenas alguns concertos ocasionais. A Basqueiro tem também no museu a sua sala como espaço de trabalho. Para além disso, temos o Cine-Teatro António Lamoso, onde também ocorrem eventos com curadoria da Basqueiro, nomeadamente concertos, que acabam por ser promocionais do grande evento da associação, o festival.

Em São João da Madeira, temos destacados dois espaços utilizados pelas associações. Em primeiro lugar destaco a Casa das Associações, que é um edifício da autarquia onde várias associações têm o seu espaço, nomeadamente, a ACLL os Ecos Urbanos, que têm lá a sua sede, ocupando o primeiro andar. É neste espaço onde têm o balcão de atendimento e os vários gabinetes dos técnicos. Têm também aqui um amplo auditório para dinamizarem oficinas e diversas atividades.

Destaca-se ainda a Oliva Creative Factory. Este é um espaço que foi restaurado das ruínas da emblemática fábrica Oliva e agora serve, por um lado, enquanto incubadora de empresas de indústrias criativas e museu – o Centro de Arte da Oliva – mas o que aqui nos interessa é o resto do espaço. Aqui os Ecos Urbanos têm também uma sala que é utilizada para diversos eventos internos, mas também outros abertos ao público. Para além disso, existe ainda um amplo espaço fechado que é a “Sala dos Fornos”, onde decorrem e já decorreram diversos concertos. É no espaço da Oliva Creative Factory que a ACLL realiza o “Party Sleep Repeat”. O festival tem 3 palcos, um na “Sala do Terraço” ou no próprio terraço dependendo das edições, outro fica na parte exterior da Oliva e outro dentro da Sala dos Fornos. Para além disso, a sala dos Ecos Urbanos na Oliva, serve enquanto sala de apoio para os voluntários no festival, uma vez que esta associação é responsável pela gestão do Banco Local de Voluntariado.

Figura 1 - Espaços onde decorrem eventos das associações



Fonte: Google Maps

Considera-se também importante pensar aqui na “flexibilidade [...] na aplicação do método etnográfico” (Lopes et. al, 2010, p. 71), isto é, utilizar o método de forma reflexiva e adequada às necessidades da investigação, assim como ao próprio terreno, atores e aos seus ritmos. Não será possível estar constantemente em observação destas associações, seja pelo seu caráter voluntário que não permite aos seus membros estarem sempre em atividade ou, por outro lado, terem outro trabalho da associação que não se relaciona sempre com as questões que estamos a estudar, pensando, por exemplo, no caso dos Ecos Urbanos.

Esta flexibilidade pode ainda ser visível numa outra perspetiva que é a do investigador e das condições em que o trabalho de investigação está a ser produzido. Tendo em conta que o desenvolvimento de uma dissertação de mestrado é circunscrito a limites temporais específicos, é preciso ter em conta que a etnografia neste contexto não se

poderá desenrolar ao máximo no tempo desejável. É necessária também aqui a flexibilidade para perceber como adequarmos este método a um trabalho de curta duração, complementando com recurso a mais técnicas como as entrevistas.

2.2.1. Observação participante

Pretende-se assim recorrer a observação participante em atividades ou eventos das associações, como festivais ou concertos, assim como noutras visitas aos seus espaços e momentos menos abertos ao público, como reuniões ou momentos de trabalho. A observação participante é uma técnica fundamental na medida em que nos permite “examinar a estrutura social diretamente, observando as pessoas em ação”. (Whyte, 2005, p. 289). Nas palavras de Barth da Silva & Silveira (2024, p. 262), esta técnica:

“permite perceber a partir da própria realidade como as identidades são constituídas e vivenciadas pelos próprios sujeitos, adquirindo significados relativos à situação. [...] Ao participar da vida cotidiana é possível complexificar os eixos de diferenciação, pois assim é possível chegar às narrativas compartilhadas por seus membros, seus sentidos e sua atuação, os quais qualificam os eixos.”

Béaud & Weber (2007, p. 100) distinguem três tipos diferentes de objetos que podemos observar: as cerimónias, as interações; e os lugares ou objetos. As primeiras dizem respeito a eventos públicos coletivos, como festas ou espetáculos, as segundas referem-se a “interações pessoais ou anónimas nas quais você tem que forçosamente ter seu papel” (*ibidem*) e, as terceiras, dizem respeito a todo o tipo de lugares e objetos que observamos fora de contextos de interação. Tendo em conta as diversas situações em que as idas ao terreno no âmbito desta dissertação acontecem, dir-se-á que se incluem, na maioria, nas “cerimónias” e nas “interações”, no caso das reuniões ou outros contextos fora dos eventos organizados pelas associações.

No caso das cerimónias, os autores argumentam que, em relação ao investigador, “ou você faz parte ‘naturalmente’ do público atingido ou tem que negociar e justificar sua presença.” (Béaud & Weber, 2007, p. 100) Refletindo sobre a posição do investigador nesta investigação face a estes momentos e espaços de observação, considera-se que há uma mistura entre as duas situações descritas pelos autores. Por um lado, considera-

se que já se integra de certa forma no público dos eventos destas associações, uma vez que já os frequentava previamente ao trabalho de campo e já estava integrado com outras pessoas que compõem estes públicos, assim como, nalguns casos, com membros da própria organização. Facilmente já poderia aceder aos eventos, visto que são públicos ou semi-públicos (tendo apenas de adquirir bilhete em alguns casos), mas tendo em conta os fatores mencionados, esta entrada fica ainda mais facilitada, assim como a integração do próprio com as restantes pessoas presentes, abrindo mais portas para a interação e diálogo em contexto de observação participante. Por outro lado, faz sentido considerar que ainda é necessária alguma negociação ou justificação para a entrada no espaço, sob o papel de investigador e não apenas de público ou participante. Nomeadamente, é importante informar as pessoas da organização.

Este tipo de incursões empíricas no terreno, requerem também que o investigador se coloque “sob as mesmas condições objetivas e subjetivas que os sujeitos sociais estudados” (Lopes et. al, 2010, p. 69), nomeadamente a partir da participação nesses eventos. Esta ida ao terreno revela-se fundamental para compreender o objeto de estudo, a forma como as pessoas se relacionam no contexto de concertos e eventos e na organização de evento, os seus modos de pensar e, sobretudo, perceber quem são essas pessoas e como circulam entre os eventos e municípios.

2.2.2. Diário de campo

A observação participante implica ainda a construção de um diário de campo, uma vez que este é o instrumento que permite registar sistematicamente os acontecimentos do dia-a-dia numa lógica narrativa e descritiva (Fernandes, 2002, p. 26), mas vai para além disso, sendo também o espaço onde podemos ordenar outros pensamentos desde reflexões teóricas e metodológicas a sentimentos e pensamentos pessoais acerca dos acontecimentos no terreno. O registo em diário de campo torna-se, assim, num “processo de construção de sentido” (*ibidem*).

Fernandes (2002, p. 28) propôs então diferentes tipos de notas a serem registadas em diário de campo, através do seu próprio trabalho e do seu próprio diário de campo, baseadas em “cinco modalidades narrativas básicas”: observações, notas de terreno,

notas metodológicas, fragmentos discursivos e atores. Estas cinco modalidades, devidamente adaptadas ao nosso trabalho concreto, revelaram-se adequadas para registar o que observávamos no terreno.

Contudo, não se optou por seguir esta proposta à risca e dividir o diário de campo em cinco partes distintas. O diário de campo segue cronologicamente as idas ao terreno e as observações. Cada registo representa um momento de observação. O diário de campo para esta investigação segue essencialmente uma lógica descritiva e narrativa. As cinco modalidades mencionadas anteriormente vão sendo incorporadas em cada um dos registos em função da sua necessidade, servindo assim de matriz para pensar como operacionalizar o registo. Cada entrada no diário mistura um pouco de cada uma destas. São escritas as observações diretas dos acontecimentos que vão sendo intercaladas com notas de terreno, em que descrevemos o ambiente e aspetos a salientar, como temas discutidos, acontecimentos ou objetos que sejam relevantes para os atores, como é possível exemplificar neste excerto:

“A partir daqui, falou-me num evento que organizam que é a Semana da Juventude, um dos seus principais eventos culturais e também bastante importante para a cidade num geral. Este ano lançaram uma open call em formato de formulário online para as pessoas darem sugestões de artistas, temas para palestras/conversas ou oficinas, incluindo o tema da democracia cultural e da participação dos jovens, que é também altamente relevante com o tema da dissertação. O que me deixou com bastante curiosidade, por perceber que era algo também relevante para a associação. Tencionam abordar esta questão sob a ótica da utilização do espaço público e das cidades pelos cidadãos.” (Diário de campo, 20/03/2025, Sede dos Ecos Urbanos, Casa das Associações, São João da Madeira)

Para além disso, vão sendo registadas notas metodológicas, essencialmente sobre as reflexões que tinha no momento de observação e pensamentos sobre a execução ou a dificuldade em executar o que queria no terreno, por exemplo, no que toca a aproximar-me das pessoas para comunicar. Também as notas sobre os atores vão estando presentes, seja sobre participantes nos eventos, membros das associações ou até

alguns casos sobre os artistas presentes nos concertos, quando considerava relevante para contextualizar o evento, como por exemplo neste caso:

“Na noite de 20 de março, quarta-feira, houve um concerto no Cineteatro António Lamoso, que fica no centro da cidade de Santa Maria da Feira, com a curadoria da Basqueiro. As duas bandas estavam dentro da música alternativa, mais especificamente do metal. Cobrafuma é uma banda com alguns nomes bastante grandes na cena underground em Portugal, como é o caso de Zé Roberto. Também Aveso tem nomes importantes não só no underground mas para a região, uma vez que tem membros de São João da Madeira e Arredores.” (Diário de campo, 20/03/2025, Cineteatro António Lamoso, Santa Maria da Feira)

Apenas as notas sobre fragmentos discursivos estão menos presentes, devido à sua especificidade e são apenas utilizadas quanto era intencional citar determinada expressão, frase ou palavra, utilizada pelos atores para descrever algo de uma forma específica.

Estas notas em diário de campo foram registadas após os momentos de observação e raramente são feitas anotações durante a observação, devido à estranheza que pode provocar para os atores sociais em cada situação específica, correndo o risco de prejudicar a investigação. Como dizem Béaud & Weber (2007, p. 104), “conforme as situações, tomar notas é sinal de grosseria, sinal de que você se abstrai da observação”. É necessário estar vigilante para cada situação social e saber interpretá-la e vivenciá-la, de acordo com os sinais do próprio ambiente e cariz social da situação, mas sobretudo das restantes pessoas presentes no terreno.

2.3. Entrevistas semidiretivas

Para além disso, serão realizadas entrevistas individuais como técnica fundamental para a recolha de dados. De acordo com Béaud & Weber (2007, p. 94), “fazer observações e entrevistas e analisá-las são as duas pernas sobre as quais se sustenta para fazer avançar a pesquisa”. Posto isto, optou-se por realizar entrevistas individuais a membros das associações para compreender os seus objetivos, trabalho e representações relativamente às dinâmicas culturais no território e aos seus públicos; e a pessoas que

participem em atividades das mesmas, de modo a perceber as representações relativas ao assunto mencionado antes e a formação de laços neste contexto.

As entrevistas serão de carácter semiestruturado, garantindo uma certa flexibilidade para que o entrevistador possa, por um lado, explorar os temas à medida que forem surgindo e, por outro, ter um conjunto de tópicos para que possa “reencaminhar a entrevista para os objectivos cada vez que o entrevistado deles se afastar” (Quivy & Campenhoudt, 1998, p. 193). Para além disso, as entrevistas semiestruturadas “help to reveal how participants make sense of the everyday world” (Scott, 2009, p. 196).

Neste sentido, construíram-se assim dois guiões de entrevistas diferentes, um para os membros das associações¹ e outro para participantes assíduos² em atividades das associações. O primeiro optou-se por dividir entre cinco grupos temáticos, que se relacionam entre si, de forma a orientar melhor a entrevista: enquadramento da associação; caracterização geral dos públicos da associação; relação com o território, população e desenvolvimento local; relação com outras associações; e relação institucional. No entanto, não se pretende com isto fechar a ordem da entrevista, como já foi mencionado, mas antes deixar espaço para que esta possa fluir e circular também entre estas diferentes temáticas sem que se perca o rumo. O guião de entrevista direcionado a participantes assíduos em atividades das associações, segue, de certo modo, a mesma lógica, mas focado sobre as seguintes temáticas: envolvimento com a associação; motivações e perceções sobre os eventos; relação com o território; redes e laços sociais; e representações acerca da política cultural.

Foram realizadas, no total, oito entrevistas – quatro a membros das associações e quatro a participantes assíduos – não tendo sido possível a realização de mais entrevistas, devido à escassez de tempo e dificuldade em articular data com participantes previstos. Para a análise das entrevistas, as mesmas foram transcritas e construíram-se duas

¹ Ver Anexo 1

² Ver Anexo 2

grelhas de análise, uma adaptada ao guião direcionado para membros das associações³ e outra adaptada ao guião para participantes⁴, em que foram contempladas as dimensões e os indicadores, com a respetiva análise do conteúdo da entrevista para o respetivo indicador, representadas com excertos da transcrição.

Tabela 1 - Características sociodemográficas das pessoas entrevistadas

Entrevistado	Relação com a associação	Grupo etário	Género (F/M)	Nível de escolaridade
A	Participante	20 - 29	F	Ensino secundário
B	Membro	40 - 59	F	Licenciatura
C	Participante	20 - 29	M	Ensino secundário
D	Membro	40 - 59	M	Licenciatura
E	Membro	30 - 39	M	Mestrado
F	Participante	40 - 59	M	Licenciatura
G	Membro	40 - 59	M	Ensino secundário
H	Participante	20 - 29	M	Mestrado

³ Ver Anexo 3

⁴ Ver Anexo 4

3. Análise de dados

3.1. Contextualização empírica: breve caracterização demográfica e cultural dos municípios

Para começarmos, sem avançar para a análise concreta, convém contextualizar de forma breve e do ponto de vista estatístico o território em estudo – os municípios de São João da Madeira e de Santa Maria da Feira. Segundo os Censos de 2021, Santa Maria da Feira tem 136 674 residentes (INE, 2024a) em 215,88 km² (INE, 2024b), o que corresponde a cerca de 633 habitantes por km². São João da Madeira é um município de uma única freguesia e com uma dimensão bem mais reduzida de 7,94 km² (INE, 2024b), mas com uma população de 22 143 habitantes (INE, 2024a), que olhando para a densidade populacional, são 2 789 habitantes por km².

Tendo em conta o foco da dissertação e também a globalidade dos eventos das associações em estudo, pode ser interessante olhar para o número de espectadores em sessões de espetáculos ao vivo. Santa Maria da Feira contou com 216 124 espectadores, no ano de 2023, e São João da Madeira, para o mesmo ano, 60 658 espectadores. (PORDATA, 2024)

Ambos os municípios pertencem à Área Metropolitana do Porto e têm alguma urbanidade, sendo que São João da Madeira constitui uma cidade e Santa Maria da Feira, enquanto município contém várias cidades. A proximidade com a cidade do Porto facilita o acesso à oferta cultural desta cidade que é maior e mais diversificada do que nestes dois municípios, como vamos ver ao longo da análise. A oferta é bastante reduzida para além dos equipamentos e atividades municipais. É também a partir desta necessidade que surgem as associações que iremos analisar.

3.2. Retratos das associações: um olhar sobre as histórias, objetivos, valores e atividades

Antes demais, considera-se relevante fazer um olhar geral sobre as três associações culturais nas quais esta dissertação é focada, olhando de forma breve para as suas histórias, objetivos ou valores, atividades, organização e públicos.

Começando por ordem alfabética, A Associação Cultural Luís Lima, de São João da Madeira, foi fundada em 2015 em homenagem a Luís Lima, jovem sanjoanense vítima de doença oncológica que faleceu em 2012. Luís Lima que era bastante ligado a e interessado por música e cultura em geral, motivando os seus amigos a continuarem os seus projetos. Aquando dessa tragédia, os amigos de Luís Lima quiseram homenageá-lo de forma diferente, incluindo diversas performances artísticas, conseguindo convidar artistas para atuarem e sentiram que deveriam abrir essa parte da cerimónia ao público, onde tiveram o apoio dos Ecos Urbanos para mediarem enquanto associação formal. Chamaram ao evento “Party. Sleep. Repeat.” e acabaram por repetir em anos seguintes. Com o crescimento progressivo do festival deixou de ser viável a organização por um grupo de amigos de forma informal, com o apoio de uma outra associação. Surgiu assim a necessidade de criar a ACLL para que pudessem dar apoio ao festival e conseguissem dinamizar mais iniciativas para além deste.

Todos os membros e pessoas que colaboram com a ACLL fazem-no de forma voluntária, sendo o trabalho gerido dependendo das suas vidas pessoais. No entanto, de acordo com o Entrevistado E (online, 30/07/2025), *“cada vez temos mais experiência e perdemos se calhar menos tempo a fazer as coisas”*, agilizando o processo de organização do festival e das restantes atividades.

De acordo com uma pessoa entrevistada da ACLL, esta assenta em três pilares fundamentais: a cultura, a solidariedade e o tributo a Luís Lima. A cultura porque querem *“oferecer uma proposta diferenciada [...] sempre achamos que que existia um vazio em São João da Madeira e na região relativamente a certo tipo de ofertas culturais, se quiseses, mais urbanas ou mais alternativas”*. No que toca à solidariedade, enquanto associação sem fins lucrativos, tentam que as atividades que desenvolvem tenham *“algum tipo de impacto social”*, como as descritas abaixo. Por último, *“existe um claro tributo ao Luís, ou seja, queremos que as atividades que fazemos tenham algum tipo de ligação ao legado e à pessoa que ele era”*. (Entrevistado E, online, 30/07/2025)

A sua principal atividade é, portanto, a organização do festival de música alternativa ou urbana “Party. Sleep. Repeat.” em São João da Madeira, desde 2013, que tem vindo a decorrer no espaço da Oliva Creative Factory. O festival tem crescido todos os anos e

vem-se a tornar uma “referência cultural na região.” (Associação Cultural Luís Lima, n.d.) No que toca ao campo cultural e artístico, ainda organizam e fazem curadoria de outros eventos, especialmente concertos, como por exemplo para a programação municipal, nomeadamente nalgumas sessões da rubrica “Alternativa à Sinta”, da Casa da Criatividade.

Para além da vertente de dinamização cultural, esta associação tem também uma vertente solidária. Os fundos que angariam como receita da bilheteira dos seus projetos são destinados enquanto donativos para o projeto “Apadrinhe Esta Ideia” da Associação Ecos Urbanos, que é destinado a apoio para famílias carenciadas, e para a Liga Portuguesa Contra o Cancro, para o apoio à formação e investigação em Oncologia. Dinamizam ainda um grupo de apoio a familiares de doentes oncológicos e a Bolsa de Estudos Luís Lima, em parceria com a Escola Inglesa, que consiste numa bolsa integral de estudos de inglês destinada a crianças em situações económicas mais vulneráveis.

Organizam outro tipo de eventos e ações, como conferências para “debater assuntos de relevo que são por vezes deixados de lado pela comunicação social” (Associação Cultural Luís Lima, n.d.)

Passando agora para Santa Maria de Lamas, no município de Santa Maria da Feira, a associação cultural Basqueiro foi fundada setembro de 2016, para a dinamização cultural da região. Inicialmente, a associação teria um outro projeto que não avançou e mais tarde tomou como principal objetivo a criação, organização e dinamização do Festival de Música Urbana “BASQUEIRAL” que acontece anualmente desde 2017 (com exceção de 2020, devido à pandemia da COVID-19). Este é um festival dedicado à música alternativa e emergente, com uma seleção artística “criteriosa” (Basqueiro, 2025) que procura distinguir-se da “cultura pop e mainstream” com a sua programação. A associação considerava que *“já não se fazia um festival de música do tipo de música que nós gostávamos na nossa zona já há muitos anos”* (Entrevistado D, Esmoriz, 28/07/2025). Foram também sendo motivados a continuar a organizar o festival pela autarquia e com o tempo arranjam novos parceiros como o Museu de Lamas, que se tornou fundamental para o funcionamento da associação e para o próprio festival. Sendo que o Museu de Lamas cedeu uma sala para a associação usar como armazém,

espaço de reuniões, entre outros. O próprio museu, tornou-se um espaço integrante no recinto do festival e utilizado em diversas outras atividades. Deste então, o festival tem vindo a crescer em vários aspetos:

“vários espaços, o recinto, a internacionalização do cartaz, o tipo de público, o alcance do festival a nível do público. O orçamento, as condições, o parque campismo. Pronto, temos tentado dentro das nossas limitações, oferecer um cartaz de qualidade e tentar consolidar-nos dentro do circuito de festivais de música alternativa em Portugal, que não é um circuito fácil de entrares e de criar raízes” (Entrevistado D, Esmoriz, 28/07/2025)

Contudo, o festival não se cinge apenas à música, mas também a outras formas de expressão artística. Este tem ainda uma ramificação chamada de “BASQUEIRART”, que procura “abraça diversas manifestações artísticas como as artes plásticas, as performances, as exposições, a arte urbana, o cinema, a banda desenhada ou ainda a recuperação de espaços público.” (Basqueiro, 2025) Normalmente, esta ramificação acontece sob a forma de exposições no Museu de Lamas, que, nos últimos anos (com a exceção da edição de 2025, que não teve exposição) têm abordado temas políticos e sociais, tendo ganho em 2022, o prémio de melhor exposição temporária da Associação Portuguesa de Museologia, com a exposição “A Rota do Mediterrâneo” – acerca das travessias de imigrantes e refugiados pelo mar mediterrâneo para chegarem à Europa.

Aliado a este objetivo principal da organização do Basqueiral, que pretendem que tenha uma programação distinta, os entrevistados da Basqueiro salientam ainda outros objetivos/valores importantes para a associação: descentralização da cultura, com o objetivo de a trazer também para territórios mais pequenos e menos urbanos como Santa Maria de Lamas; criar um público que confie na sua programação e com o qual tenha proximidade; promover a diversidade artística; e ainda, a *“intenção de podermos modificar pensamentos e evoluir social e culturalmente. Ainda hoje achamos que falta muito esse lado à zona”* (Entrevistado G, online, 14/08/2025)

Para além disto, a Basqueiro vai desenvolvendo outras atividades ao longo do ano, na sua maioria dedicadas à promoção do festival, mas não menos importantes. Realizam-se sempre concertos ou até, no caso de 2024, um festival inteiro que servem de “warm-up” para o festival. Fazem também curadoria de alguns concertos para a Câmara

Municipal no Cineteatro António Lamoso e ainda outro tipo de atividades como residências artísticas, ou outros projetos com instituições e com a comunidade.

Um importante exemplo pode ser a residência artística “Misturadora 0.0”, que pretendia reunir alguns músicos de Santa Maria da Feira e concelhos vizinhos, como São João da Madeira, Oliveira de Azeméis, Ovar, Espinho e Vila Nova de Gaia para “estimular a criatividade musical dos participantes, desafiando-os a integrarem bandas cujos restantes elementos provêm de universos musicais o mais distintos possível entre si.” (Basqueiro, 2024). Este projeto destaca-se no âmbito desta dissertação na medida em que um dos seus objetivos era mesmo juntar estes músicos todos, criando laços e uma possível rede entre os músicos da região.

Em termos de organização e pessoal, a Basqueiro também é totalmente voluntária, tendo muito poucos membros, nomeadamente durante a época de planeamento do festival e das atividades. Nas alturas de eventos acabam por ter mais pessoas a ajudar com tarefas logísticas e de apoio. Cada membro desempenha as tarefas de acordo com aquilo que é mais capaz.

A Associação de Jovens Ecos Urbanos é uma das associações mais importantes e destacadas em São João da Madeira. Foi fundada em 1997 e surge da procura por um sítio “onde os jovens pudessem ser jovens” (Associação de Jovens Ecos Urbanos, n.d.-a), onde pusessem expor e trabalhar as suas artes e onde pudessem fazer coisas em conjunto por si e para si.

“Criar oportunidades para que Juventude com talento possa mostrar a sua arte [...] Essa ideia de oportunidade e de condições em termos até de produção e logística para que a Juventude possa apresentar o seu trabalho e penso que é uma das questões que nós sempre demos valor” (Entrevistada B, São João da Madeira, 6/06/2025)

A associação foi tornando-se importante, nomeadamente as suas ações associadas ao desenvolvimento local e à intervenção comunitária tornando-se centro comunitário e IPSS. Ainda assim mantém a sua ligação à juventude e vertente cultural e, como diz a Entrevistada B (São João da Madeira, 6/06/2025), *“na verdade funcionamos como associação de desenvolvimento local”*.

Inicialmente estavam localizados no centro da cidade, dentro de um monumento, apelidado de “Pirilau”, na Praça Luís Ribeiro, a principal praça da cidade de São João da Madeira. Esta localização permitia à associação ter uma proximidade com a juventude muito maior. Depois saíram de lá e perderam essa proximidade diária. Mudaram de espaço para a Casa das Associações e para a sala na Oliva Creative Factory. Com esta nova sala têm um espaço com melhores infraestruturas para diverso tipo de atividades e oficinas. A mudança de espaço também permitiu que as diferentes componentes do corpo técnico e administrativo estivessem juntas, o que permite um melhor trabalho em conjunto e diálogo.

O seu trabalho privilegia a integração da comunidade e a participação ativa, assim como o trabalho em rede com diversas entidades. Este é multifacetado e não apenas dedicado a questões específicas como a cultura ou a música, tendo uma forte vertente de apoio e atendimento social também. As suas atividades passam desde o voluntariado, sendo que gerem o Banco Local de Voluntariado de São João da Madeira, a diversos projetos de cariz cultural e artístico, projetos que envolvem a utilização de metodologias de animação sociocultural, ações de formação, oficinas, ações de solidariedade, entre outros. Têm também funções de centro comunitário com serviço de atendimento e acompanhamento social, entre outros. Trabalham em parceria com diversas associações locais, escolas, município, entre outras entidades e estão representados em diversos organismos a nível regional e nacional.

Um dos principais eventos associados à cultura, artes e juventude que é dinamizado pelos Ecos Urbanos é a Semana da Juventude em São João da Madeira. Esta é realizada há 25 anos com o apoio do município. De acordo com a Associação de Jovens Ecos Urbanos (n.d.-b):

“surgiu para dar aos/às jovens palco para apresentarem o seu trabalho, a sua criatividade, manifestarem a inquietação, os medos, e fragilidades, partilhar as potencialidades, encontrarem amigos e fazerem novas amizades, fruir do espaço público, dar-lhes voz, dar-lhes sentido.”

A semana da juventude reúne diversas atividades, desde exposições, oficinas, conferências, sessões de debate, concertos, feirinhas de artesanato, teatro, espetáculos, graffiti, entre outras, e espalha-se por toda a cidade.

No que toca à sua organização e forma de trabalhar, esta é a única das três associações que tem técnicos contratados a trabalhar, juntamente com os corpos sociais típicos de uma associação. A estrutura é bastante horizontal e privilegia o diálogo e a multidisciplinaridade, sendo que apesar de haver uma parte relacionada com a ação social direta e outra dedicada à animação sociocultural, não há uma divisão clara, há antes um trabalho em diálogo. Mesmo na relação com os corpos sociais procuram manter horizontalidade, apesar de a direção ainda ter de cumprir o seu papel como tal: *“a direção faz o seu papel, sobretudo administrativo, porque delibera orçamentos, condições, etc., mas a parte operativa, em termos de atividades, até as propostas das próprias atividades vêm do corpo técnico”* (Entrevistada B, São João da Madeira, 6/06/2025)

3.3. Representações e perceções face à cultura e à participação

Passando agora à análise dos resultados que dizem respeito assuntos fundamentais da dissertação, considera-se relevante começar por olhar para a forma como os entrevistados vêem a cultura. De um modo geral, a cultura é vista como fundamental. É um espaço de diversidade, de empatia e *“dá-nos uma tolerância e um saber estar com os outros todos, sabermos viver em comunidade, todos juntos”* (Entrevistado D, Esmoriz, 28/07/2025). Olham para a cultura como uma forma de conhecimento, educação e um estímulo ao pensamento crítico e até à evolução. Esta ideia geral pode ser traduzida pelo seguinte excerto:

“a cultura que traz um pensamento crítico, a ideia de conhecer o outro... se se deixa dar importância a isso, ficamos muito mais isolados, mesmo de conhecimento e de uma capacidade de análise para lermos o mundo que nos rodeia é dada através da cultura [...] a ideia com a cultura é trazer exatamente a diversidade para ser para o centro. A diversidade, os diferentes olhares, diferentes perspetivas. É muito mais interessante

termos uma série de perspetivas e de diálogos e de diferentes lugares de fala”
(Entrevistada B, São João da Madeira, 6/06/2025)

Do lado dos participantes também é salientada esta ideia da capacidade da cultura em fomentar o pensamento crítico, nomeadamente sobre questões políticas, como mencionou o Entrevistado C, em relação às exposições organizadas pela Basqueiro durante o Basqueiral, que refletem temas atuais de ordem política e social, como o Genocídio em Gaza ou as travessias de migrantes pelo Mar Mediterrâneo. A cultura é ainda retratada como uma possível ferramenta para a solidariedade como vemos com o trabalho da ACLL. Posto isto, tanto membros de associações como participantes, consideram também a cultura e os eventos culturais como fundamentais para a formação de laços e para o desenvolvimento local, como será desenvolvido nos capítulos seguintes.

Dando seguimento, torna-se relevante perceber quais são as motivações dos participantes para frequentar os eventos culturais promovidos por estas associações. As principais motivações podem ser divididas em dois grupos, por um lado motivações culturais e por outro motivações de ordem afetiva ou de sociabilidade. As motivações culturais dizem respeito ao gosto pelos eventos e espetáculos em si. Os entrevistados mencionam principalmente o gosto pela música, em específico música ao vivo, usufruirmos dos espetáculos, poderem ouvir artistas que já conheciam ao vivo e descobrir artistas novos. Foi também mencionada uma vontade de *“apoiar a cena local”* (Entrevistada A, São João da Madeira, 5/06/2025), isto é os artistas e bandas locais, os espaços, os eventos e os agentes dinamizadores. Também numa visita de campo no festival Basqueiral, registei uma interação que se revelou interessante deste ponto de vista:

“Tive ainda a oportunidade de conversar com um rapaz de Ovar, que já foi ao Basqueiral noutras edições e a outros eventos da Basqueiro, tendo até participado na misturadora, enquanto músico. [...] Ele explicou que achava a curadoria do festival muito boa e especializada trazendo artistas internacionais que de outra forma dificilmente viriam a Portugal e tendo sempre uma programação que procurava trazer novidades e coisas «diferentes» que o surpreendiam sempre, enquanto que noutros festivais trazem

também uma boa programação mas coisas já conhecidas e que sabem que «vão bater»”.

(Diário de campo, Parque de Santa Maria de Lamas, 20/06/2025)

Passando às motivações de ordem afetiva ou de sociabilidade, estas estão ligadas à formação de laços e aos próprios laços já existentes. Os entrevistados referem também ir para conhecer pessoas novas e pelo convívio com pessoas conhecidas porque já há quase uma tradição de ir a estes eventos e encontrar as mesmas pessoas. Como diz o Entrevistado C (São João da Madeira, 17/06/2025), *“acaba sendo uma espécie de Natal, que é tipo ir em junho ao Basqueiral, ou ir em maio ao Party Sleep”*. Também o Entrevistado F destaca a afetividade que tem com o próprio PSR pelos laços que tem associados ao mesmo e pelo que o festival representa e significa para si:

“O PSR É uma coisa que eu vou para sempre investir. É algo que eu vou para lá fotografar e vou se for preciso à pala, portanto, é uma coisa que faço de coração e é uma coisa que que me entusiasma muito.” (Entrevistado F, São João da Madeira, 1/08/2025)

Ainda outra razão indicada para ir a estes eventos é a localização geográfica, no sentido em que ficam mais perto para estes participantes da região, do que terem de se deslocar a outros sítios como o Porto.

Importa agora discutir os olhares em torno da dinâmica cultural na região e como os entrevistados a comparam com outros territórios, nomeadamente com cidades maiores, havendo um destaque para o Porto, sendo que tanto São João da Madeira e Santa Maria da Feira pertencem à AMP e o Porto é a maior cidade perto. De um modo geral, os membros das associações consideram que há uma boa e ativa dinâmica cultural na região, existindo bastantes ofertas de *“experiências”* e *“situações”* culturais e até equipamentos e infraestruturas destinados à cultura. Por outro lado, também é referido que apesar de haver muita coisa, esta oferta é pouco diversificada e pouco criativa, tornado-se, portanto, insuficiente, como sugere o Entrevistado G:

“eu acho que existem muitas situações culturais [...]acho que são sempre mais do mesmo. Ou seja, eu acho que há coisas que se fazem, Eventos especialmente culturais, que se fazem que é casa ganha, então não se mexe muito. Então, com o passar dos anos, aquilo não traz nada de novo, torna-se chato. Não quer dizer que não tenha o seu valor. [...] Mas acho que não há muita evolução cultural” (Entrevistado G, online, 14/08/2025)

Olhando especificamente para São João da Madeira, são salientadas as vantagens de ser um território pequeno o que permite *“uma ligação muito próxima com múltiplas instituições [...] que eu sei que é muito diferente das outras instituições fora deste concelho”* (Entrevistada B, São João da Madeira, 6/06/2025). Também é reconhecido o investimento autárquico em diversos equipamentos, como a Casa da Criatividade, a Oliva Creative Factory, entre outros, e que, de certa forma, isso traduz o *“o nível de qualidade de vida que existe na cidade e que podemos agora investir nesse tipo de equipamentos”*, citando o Entrevistado E (online, 30/07/2025).

Em Santa Maria da Feira, consideram que há muitos eventos dinamizados pela câmara municipal, mas que falta a diversidade e novidade, como mencionado anteriormente. Ainda assim, consideram que há diferenças entre a cidade de Santa Maria da Feira com o resto do município, nomeadamente Santa Maria de Lamas que é *“uma periferia da periferia [...] A realidade cultural de Santa Maria de Lamas não tem nada a ver com a realidade de Santa Maria da Feira. [...]e mais difícil é fazer com que as pessoas se desloquem a Lamas”* (Entrevistado D, Esmoriz, 28/07/2025). Por outro lado, afirmam que ainda há alguns agentes que tentam dinamizar a vila culturalmente e atrair mais públicos. Também consideram que, apesar disso, o pelouro da cultura da Câmara Municipal, tenta até que a oferta cultural municipal não seja toda concentrada na cidade principal.

Comparando esta dinâmica com a de grandes cidades, como o Porto e Lisboa, é consensual entre membros das associações e participantes nos seus eventos que estas têm uma maior e mais diversa oferta cultural, havendo muito mais eventos. Um dos entrevistados explica isto pelo facto destas cidades terem *“mais população e mais poder económico”* (Entrevistado E, online, 30/07/2025), o que de certo modo corrobora com as restantes representações dos restantes entrevistados que falam na existência de mais público mas também de mais pessoas para organizar eventos:

“Em cidades grandes parece que eles só precisam, é de ter um espaço. Tu tens certas salas de concerto em que estão sempre a fazer cenas, sempre a fazer festivais em que trazem, não sei quantas bandas. Pá, mas depois também existe uma facilidade muito maior que lá o Público é garantido, enquanto que cá imagino que tenha que ser uma

coisa muito bem pensada, muito bem organizada.” (Entrevistada A, São João da Madeira, 5/06/2025)

“Acho que no Porto acaba por se organizar mais eventos deste género, porque também há mais players a organizar esta cena” (Entrevistado H, Santa Maria da Feira, 15/08/2025)

Ainda nesta comparação de público, o Entrevistado G também considera que os públicos de cidades mais pequenas e territórios mais periféricos costumam deslocar-se mais às cidades grandes do que o contrário, devido ao facto de haver maior oferta nesses sítios. Acredita que as pessoas dessas grandes cidades não sentem tanto essa necessidade porque podem escolher entre uma variedade de oferta muito mais, mesmo que seja *“para ver se calhar situações que não têm outra possibilidade de ver que podem só acontecer em localidades mais pequenas”*. (Entrevistado G, online, 14/08/2025)

Mesmo para além dos papéis de público que tem mais oferta e organizadores que têm mais público nas cidades grandes, um dos entrevistados deu ainda uma perspetiva de como seria estar no papel de um músico, numa cidade grande onde estes têm muito mais espaços para apresentar o seu trabalho:

“Para um músico se dar a conhecer, tem muito mais espaços para se mostrar. Na nossa zona, como tu sabes, escasseiam. [...] Porque, de facto, isso é uma das diferenças na nossa região, não há espaços para os artistas se mostrarem com regularidade. [...] acho que falta essa continuidade ao longo do ano, porque sem palco, os músicos acabam por desmotivar” (Entrevistado D, Esmoriz, 28/07/2025)

Este entrevistado tinha já mencionado esta falta de espaços para os músicos tocarem com regularidade na primeira visita exploratória feita no âmbito desta dissertação. Nessa época tinha até mencionado no entanto que a nossa região e territórios mais pequenos poderiam ter mais espaços e mais regularidade nos eventos para os artistas, tendo feito até a comparação com a cidade de Barcelos que considerava ter, a certa altura, sido a *“capital do rock”*:

“[...] disse-me que tinha ido ao NOVO, em Ovar, uns dias antes e ouviu uma conversa, em que um dos oradores chegou a mencionar que Barcelos tinha tido que a dada altura cerca de 80 bandas ao mesmo tempo porque haviam vários espaços e oportunidades

regulares para os músicos, ao contrário de cá em que essa oferta era reduzida.” (Diário de Campo, Museu de Lamas, 21/12/2024)

Os entrevistados da ACLL e da Basqueiro mencionaram ainda que se os seus festivais fossem realizados no Porto ou numa cidade parecida conseguiriam ter muito mais público e até ter bilhetes mais altos, porque consideram ser festivais de qualidade em comparação a outros no país e o festival teria uma exposição muito maior, mas essa também não é a sua intenção.

Uma outra nota importante para a comparação é que apesar das dificuldades descritas nos territórios de São João da Madeira e Santa Maria da Feira por comparação a grandes cidades, nem tudo isso é visto de forma negativa necessariamente. Um ponto que os participantes destacam é o ambiente dos eventos e festivais nesta região. Consideram que os eventos cá têm um ambiente muito mais familiar do que nos eventos das cidades grandes, em que é mais fácil encontrar conhecidos, por um lado, mas também há um à vontade maior para falar com outras pessoas e conhecer pessoas novas, o que dizem não acontecer tanto noutros eventos, nomeadamente em eventos maiores, sendo que o Entrevistado C até fez uma comparação com um festival grande do Porto a que foi. A Entrevistada A justifica isto também por um certo anonimato que considera comum nas cidades grandes:

“tu vais e és facilmente discreto e ninguém repara em ti [...] eu sou uma pessoa super tímida e já me aconteceu, montes de vezes ir sozinha a um concerto, estar lá num canto, ter uma crise de ansiedade e passar completamente despercebida como se não estivesse lá. Acho que já que isso já tem a ver um bocadinho com a mentalidade do pessoal das cidades grandes” (Entrevistada A, São João da Madeira, 5/06/2025)

Terminando as comparações, é também relevante destacar que o Entrevistado C (São João da Madeira, 17/06/2025) menciona que, do seu ponto de vista, pelo facto de existirem poucos eventos na região e uma oferta mais pequena, *“acaba por haver tipo um carinho maior por essas associações”*.

Essa escassez de eventos na região e a valorização dos poucos que existem pelas pessoas, acaba por fazer com que os públicos do tipo de oferta apresentada, mais em específico pela ACLL e Basqueiro que trazem uma programação mais alternativa,

circulem pelos mesmos eventos, festivais e até espaços de concertos, e podemos alargar também a outros municípios vizinhos na região. Também as associações e outros agentes culturais acabam por se conhecer uns aos outros e existir por vezes algumas formas de colaboração ou pelo menos partilha de informação e os seus membros frequentam eventos uns dos outros. Tudo isto acaba por contribuir para o desenvolvimento do tal circuito cultural mais ligado à música alternativa, tendo em conta a noção de Magnani (2002), como discutido no Enquadramento Teórico.

Para terminar este subcapítulo, importa agora falar sobre as perceções relativas à política cultural a nível nacional e a nível local e regional, assim como, aos apoios que existem para associações culturais. Começando pela visão mais alargada a nível nacional, algo que foi salientado por todos os membros de associações entrevistados foi a formação do novo governo em 2025 em que foram juntas as pastas da Cultura, Desporto e Juventude num só Ministério. Apesar de alguns dos entrevistados salientarem que ainda é cedo para se saber quais serão os resultados disso, consideram na globalidade que esta mistura acaba por desvalorizar cada uma destas áreas individualmente, com destaque para a Cultura enquanto o foco da entrevista, o que, de acordo com o Entrevistado G (online, 14/08/2025), *“vai acabar por diminuir a qualidade e frequência das coisas”*. A Entrevistada B olha para isto como um *“retrocesso”*:

“[...] porque se a cultura que traz um pensamento crítico, a ideia de conhecer o outro... se se deixa dar importância a isso, ficamos muito mais isolados, mesmo de conhecimento e de uma capacidade de análise para lermos o mundo que nos rodeia que é dada através da cultura. Portanto, se deixamos de ter essas ferramentas, começamos a deixar de conseguir ler aquilo que nos rodeia. E a questão da empatia, sabes? Deixa de haver espaço coletivo para partilhar os nossos saberes, as artes, aquilo que temos de melhor. [...] parece-me que é olhar de uma forma em que a cultura passa a ser entretenimento”
(Entrevistada B, São João da Madeira, 6/06/2025)

Alguns entrevistados consideram também que ainda há uma centralização da cultura muito forte nos grandes polos urbanos como Lisboa e Porto, como também indicam na comparação entre territórios. O Entrevistado E (online, 30/07/2025) considera afirma ainda não ver *“grande estratégia”*, o que também acredita que pode ser pautado pela

descontinuidade de planeamento para a cultura entre diferentes executivos e a falta de consistência. Considera até *“estranho”* esta falta de estratégia e investimento, devido ao crescimento turístico do país, porque acha que *“até os equipamentos culturais se podiam, nem que fosse por uma perspectiva económica, se poderiam virar para aí: equipamentos como museus; eventos culturais; a promoção de e preservação de Patrimónios imateriais em Portugal [...]”*. Para além disso, também o Entrevistado H (Santa Maria da Feira, 15/08/2025) menciona que o facto de o setor cultural representar sempre menos de 1% do Orçamento de Estado é também prejudicial para o desenvolvimento de atividades culturais e *“eventualmente reflete-se nos apoios que também são dados a estas associações”*.

Ao nível local e regional, vimos já o diagnóstico da dinâmica cultural na região, em que percebemos que até é considerada ativa com bastantes atividades, mas quase tudo dinamizado pelas autarquias e de certa forma com pouca diversidade. Há também poucos espaços para os artistas demonstrarem o seu trabalho. Agora é também necessário ver os olhares concretos sobre a estratégia política cultural neste território. Primeiramente e pegando na ideia da centralidade das Câmaras Municipais surge um interessante ponto de vista por parte de alguns membros de associações que é o de que as autarquias deveriam dar ferramentas a outros agentes culturais, nomeadamente às associações, para fazerem programação cultural para o município de forma a conseguir abranger uma forma de programação mais democrática e diversificar mais a oferta. No entanto, não consideram que os Municípios fazerem programação e dinamização cultural não é necessariamente algo negativo ou oposto a esta proposta. Como diz o Entrevistado D:

“[...] acho que as câmaras municipais tudo bem, devem fazer coisas, especialmente quando detetarem que há vazios culturais [...], mas acho que deve ser dada a liberdade aos agentes culturais, que não a Câmara Municipal da cidade, dar essa Liberdade e incentivos para eles terem liberdade para criar e fazer [...]e não ser sempre aqueles guiões que às vezes olhas para a programação das diferentes câmaras que estão aqui na nossa zona e vêes aquilo a tocar ali e logo a seguir está a tocar ali e fecha a porta a muita coisa [...]. Mas não faltam acontecimentos e de eventos culturais de qualidade promovidos pelas câmaras municipais” (Entrevistado D, Esmoriz, 28/07/2025)

Também a Entrevistada B partilha uma visão semelhante, mas acrescenta que muita da programação municipal pode ser feita com o intuito de dar mais visibilidade política às forças políticas que estão no poder.

Para além disso um outro interessante ponto que foi destacado relativo à estratégia política a nível regional foi o facto de que a programação e a estratégia cultural estão muito pensada dentro das fronteiras de cada município e os Entrevistados D e E consideram que deveria haver mais colaboração entre municípios da região e a cultura deveria ser pensada de forma intermunicipal e em rede. O Entrevistado D considera que nem divulgação suficiente das diferentes programações dos municípios entre estes existe. O Entrevistado E, apesar de reconhecer que existem já algumas iniciativas do género relativas à Área Metropolitana do Porto e também à Região de Aveiro, afirma:

“o que a associação gostaria de ver enquanto agente cultural é que existissem mais iniciativas intermunicipais, que a cultura fosse trabalhada mais em rede e não tanto ao nível do município. E que isso fosse trabalhado também como estratégia, ou seja, que existisse uma estratégia comum intermunicipal [...] o que a associação acha, na realidade, que devia acontecer para que a oferta cultural fosse mais forte e, com isso, criasse mais impacto nas populações, era que existissem mais parcerias em São João da Madeira, Oliveira de Azeméis, Vale de Cambra, eventualmente Santa Maria da Feira e que pudessem oferecer, se calhar, propostas mais fortes deslocalizadas neste território.”
(Entrevistado E, online, 30/07/2025)

Retomando agora a ideia de que os artistas, em especial os músicos, não têm espaços suficientes onde possam apresentar-se ao público com regularidade na região, o Entrevistado D propõem também uma visão estratégica relacionada para a cultura relacionada com o dar ferramentas, autonomia e liberdade aos agentes culturais para programarem como já referido anteriormente. O Entrevistado D propõem que ao invés dos municípios fazerem eventos e programação muito pontual em que convidam os músicos locais, sem que no resto do ano tenham onde tocar, motivem e invistam antes nos bares através da criação de protocolos *“para terem uma programação contínua e assegurar que x concerto seja pelo menos das bandas da região e seja obviamente*

acompanhado por um técnico no município, ou pelo pelouro” (Entrevistado D, Esmoriz, 28/07/2025).

Olhando tanto para as visões acerca da cultura como das visões acerca de política cultural, conseguimos encontrar visões que se aproximam em alguns aspectos do modelo da Democracia Cultural e noutros da Democratização. Por um lado, a visão de autonomizar os agentes culturais para terem liberdade de criar de base a programação e a oferta cultural aproxima-se muito mais da questão da Democracia Cultural, como vimos com Lopes (2007) e com a Carta do Porto Santo (2021). Também as visões de descentralização da cultura das grandes cidades para os territórios mais periféricos ou semiperiféricos. Outras visões da Entrevistada B também se aproximam deste modelo como a cultura enquanto espaço de diversidade e *“espaço coletivo para partilhar”*. Como a própria menciona:

“É muito mais interessante termos uma série de perspetivas e de diálogos e de diferentes lugares de fala do que propriamente: há uma voz e há milhões a ver, a ouvir, de uma forma um bocadinho mais alienante.” (Entrevistada B, São João da Madeira, 6/06/2025)

Por outro lado, também há algumas representações e perspetivas que se aproximam de um modelo mais Democratizante, como quando é mencionado que as associações estão a trazer cultura para a região, por exemplo, como diz a Entrevistada A (São João da Madeira, 5/06/2025): *“é trazer certos artistas à terrinha”*; ou pela forma como olham para a política e estratégia cultural dos municípios como ela é praticada, ou por exemplo na noção de educar culturalmente as populações.

Deste modo, é possível compreender que as associações não seguem especificamente um destes modelos de forma rígida. Agem antes de acordo com a sua perceção das necessidades e do estado cultural da região e também dos seus próprios interesses e motivações, assim como dos seus públicos. Havendo muito mais um resultado que envolve a complementaridade dos dois modelos do que uma lógica fechada, seguindo, de certa forma, o posicionamento teórico desta dissertação.

No que toca à relação com o poder político local, os membros das associações afirmam manter boas relações com os respetivos Municípios e também com Juntas de Freguesia

na maioria dos casos, mas havendo maior destaque para a relação com os primeiros. Algumas das associações destacam também positivamente o apoio que recebem das autarquias e, no geral, referem que tem vindo a aumentar.

Também os participantes em atividades das associações destacam que apesar de não estarem totalmente a par dos apoios concretos que existem para as mesmas, sabem que estes existem e consideram-nos fundamentais para a existência das mesmas e para o seu bom funcionamento. Consideram que para estas associações em específico, compensaria terem mais apoios até. No entanto, alguns entrevistados reconhecem também que sem o trabalho que as pessoas destas associações fazem e investem, esses apoios poderiam não servir de nada, porque estas associações vivem em grande parte do trabalho voluntário de quem as integra. Como diz o Entrevistado F:

“acho que qualquer tipo de investimento em associações culturais vai ser sempre deficiente. Tudo aquilo que se está a fazer vem muito do sangue, suor e lágrimas de quem trabalha nas associações [...] Também acho que vai muito daquilo que é o trabalho das associações. Se tivermos meia dúzia de pessoas a trabalhar, que simplesmente não fazem nada, não é um apoio, não é dinheiro que vai fazer com que alguma coisa aconteça.” (Entrevistado F, São João da Madeira, 1/08/2025)

Posto isto, tendo em conta as perspetivas apresentadas e os relatos do funcionamento e atividade da associação também notamos as noções dos mundos da arte e do modo de funcionamento colaborativo e em rede das artes, como expliado por Becker (2010). As artes não funcionam apenas através dos artistas, mas antes numa ampla rede de agentes que sustenta todo o seu funcionamento. Aqui as associações desempenham um papel fundamental na dinamização de atividades que permitem aos artistas mostrarem e desenvolverem o seu trabalho, são intermediários e “proporcionam assim aos artistas a hipótese de apresentarem o seu trabalho a um público ao qual formaram o gosto” (Becker, 2010, p. 121). Também os públicos desempenham um papel importante em manter este circuito ativo. Por outro lado ainda, os poderes políticos são fundamentais para determinar o funcionamento dos mundos da arte e podem eles próprios serem também intermediários e dinamizadores da cultura.

3.4. Da participação associativa à formação de redes e laços sociais

Tendo já explorado as perceções sobre cultura, os eventos das associações, as dinâmicas culturais do território e alguns aspetos das políticas culturais no país e nos municípios de Santa Maria da Feira e São João da Madeira, agora é relevante explorarmos a formação de laços e redes sociais associada a estas associações e à participação nos seus eventos, de modo a percebermos o papel que estas podem ter nessa formação.

Em primeiro lugar, todos os participantes em eventos das associações entrevistados afirmam que já formaram diferentes laços e relações significativas até certo ponto e esses eventos são também lugares que permitem a manutenção desses mesmos laços formados neste contexto ou até de laços já previamente existentes, como aliás menciona o Entrevistado F (São João da Madeira, 1/08/2025) em relação ao PSR: *“é uma massificação forte de pessoas que eu já conheço.”* Também os outros entrevistados destacam a formação de laços no PSR ou em eventos da Basqueiro:

“fizemos amizade com malta de Lamas [...]. Estamo-nos sempre a encontrar em concertos e para não falar, lá está, sempre aquele evento do ano em que a gente está lá todos juntos. Então, sim, acho que já fiz amiguinhos à custa desses eventos, é giro”
(Entrevistada A, São João da Madeira, 5/06/2025)

No que toca aos eventos dos Ecos Urbanos, há pouca menção dos participantes entrevistados porque consideram que viveram pouco dos principais eventos que gostavam dos Ecos, como o Ecos Rock, devido à sua idade, com exceção do Entrevistado F, que afirma ter desenvolvido bastantes laços a partir de eventos como este e as Sextas Concertadas, que frequentava também enquanto fotógrafo: *“trabalhar na fotografia sempre me deu um alcance maior para falar com pessoas, [...] Por causa desses eventos e também por causa da daquilo que eu estaria a fazer. Mas sim, mantive muitos conhecimentos através disso.”* (Entrevistado F, São João da Madeira, 1/08/2025)

Das perspetivas dos membros das associações, o seu trabalho contribui para essa formação de laços entre pessoas, ainda que de formas diferentes. Algumas destacam o desenvolvimento de relações de proximidade com a população, do trabalho colaborativo e em rede com outras associações instituições, da sua relação com o

público, do ambiente dos seus eventos, a confluência de várias pessoas em torno do gosto comum ou até a participação integrante nos eventos na organização e dinamização dos eventos. Podemos retirar um excerto do testemunho do Entrevistado D que exemplifica em parte isto mesmo:

“O festival tem proporcionado a aproximação de pessoas de geografias diferentes em torno de um gosto comum [...] nota-se que muitos conheceram-se ali e que hoje em dia são mais próximos e que já se criou alguns laços e há pessoas que até já fazem coisas juntos.” (Entrevistado D, Esmoriz, 28/07/2025)

As principais razões que os participantes indicam para isto prendem-se com o ambiente dos eventos. Por tal motivo, começaremos agora por olhar para como descrevem este ambiente. De um modo geral e como já referido anteriormente os entrevistados destacam o ambiente como bastante familiar e seguro. Como descreve o Entrevistado C:

“Eu sinto-me bué seguro [...]. Acho que são sítios super confortáveis para uma pessoa estar e conversar com pessoas que se calhar não irias conversar noutro sítio qualquer além daquele e por isso mesmo é que ainda bem que esse tipo de cenas já acontecem” (Entrevistado C, São João da Madeira, 17/06/2025)

O ambiente é um catalisador para as conversas e a sociabilidade e, de acordo com o Entrevistado H (Santa Maria da Feira, 15/08/2025), também vão bastantes pessoas da região, *“isso também traz bastante apelo a ir. [...] gosto bastante desse ambiente.”* Não obstante, a Entrevistada A faz também uma distinção entre os ambientes dos eventos da Basqueiro e do PSR, afirmando que na Basqueiro é mais próximo das descrições anteriores mas que no PSR acabava por não haver tanta abertura a este convívio com pessoas diferentes, acabando por ficar mais entre o seu *“grupinho”*. A contrastar com esta visão, o Entrevistado F considera este evento altamente familiar e com um contexto sentimental bastante forte mas também por causa de ter lá o seu grupo de amigos bastante próximo e também tem proximidade com o contexto histórico da associação:

“Pessoalmente, lá está, tenho uma carga emocional muito forte, dado o contexto, e entre o grupo de amigos tem esse peso de estarmos lá para um convívio extraordinário

em todos os sentidos e que toda a gente trabalha para aquilo e que toda a gente dá um abraço quando se vê.” (Entrevistado F, São João da Madeira, 1/08/2025)

Explorando os outros fatores que foram sendo apontados é importante referir também a relação da associação com os públicos/participantes. Começando do ponto de vista dos públicos, há um destaque especial para a Basqueiro neste aspeto. Como diz o Entrevistado C:

“As pessoas que fazem aquilo até fazem questão de te conhecer. Por exemplo, eu lembro-me que a primeira pessoa com quem eu falei mal cheguei ao ao Basqueiral, foi com o organizador [...] Foi o primeiro gajo que eu apanhei à entrada e eu nem sequer sabia que era ele um dos organizadores [...] e o pessoal aparece que já está à espera de me ver no ano a seguir.” (Entrevistado C, São João da Madeira, 17/06/2025)

Também a Entrevistada A e o Entrevistado H confirmam esta perspetiva, ainda que a Entrevistada A (São João da Madeira, 5/06/2025) salienta mais a diferença entre a relação das pessoas da Basqueiro com as da ACLL, que considera porque lhe parece que *“eles estão tipo a trabalhar mais ou estão mais escondidos”*. Contudo, acrescenta que não conhece tanto as pessoas dessa associação, o que também lhe pode dificultar na interação.

Do ponto de vista dos membros das associações, também procuram ativamente fomentar esta relação com os seus públicos. Começando pela Entrevistada B, esta destaca a importância de criar uma relação de proximidade e horizontalidade, principalmente ao nível da comunicação com as pessoas que participam ativamente nas atividades da associação que representa. O Entrevistado G fala também na importância de quebrar a barreira entre organização e públicos, tendo em conta que estes são uma parte integral para os eventos acontecerem. Tentam tratar o público por família e considera que se houver:

“comunhão entre público e os membros da associação, estamos melhores. A troca de ideias é sempre ótima. Nós temos realmente a nossa visão e gostamos de ser, entre aspas, «únicos», mas estamos abertos a colaborações e a ideias e é isso que pretendemos, é que ele se aproxime cada vez mais.” (Entrevistado G, online, 14/08/2025)

O Entrevistado C apresenta uma visão também semelhante e em continuidade afirmando que gostam de ter uma relação de “cumplicidade” com os seus públicos, salientando que é fácil os públicos e associação se conhecerem nos seus eventos devido ao tamanho reduzido do festival. Procuram a satisfação dos públicos.

Também a perspetiva do Entrevistado E se alinha com esta. Procura também esta satisfação dos públicos através de uma relação de “*transparência e de confiança*” (Entrevistado E, online, 30/07/2025) que a associação foi conseguindo devido à sua curadoria, programação, escolhas de ofertas e forma de comunicação. Afirmar também que a associação tem abertura com os seus públicos para receberem feedback e os compreenderem.

Posto isto, importa agora olharmos para que tipo de laços são formados. Como já fomos percebendo até agora, os principais laços formados são de sociabilidade e relações de amizade, como destacam todos os participantes entrevistados e até membros das associações. As pessoas conheceram-se no contexto de eventos de associações e desenvolveram laços que vão para além disso, por exemplo, “*tu depois consegues criar amizades, depois até ter sair durante a semana, [...] beber um copo ou coisas assim.*” (Entrevistado H, Santa Maria da Feira, 15/08/2025)

Também há o caso de laços que são formados nesse contexto e não transcendem além disso, mas é esperado que as pessoas se encontrem nos mesmos eventos e têm significado aí, como também mostra o Entrevistado C (São João da Madeira, 17/06/2025), quando compara o Basqueiral e o PSR a uma espécie de Natal, porque “*o pessoal aparece que já está à espera de me ver no ano a seguir.*” Também no caso destes laços mais de sociabilidade e amizade, seria importante destacar os que já existem fora deste contexto mas que lá são reforçados e desenvolvidos, como já vimos com os exemplos já destacados do Entrevistado F.

Contudo, estes não são os únicos tipos de laços que podem ser formados neste contexto. Os Entrevistados C e E destacam até a possibilidade de formação de laços em termos profissionais, referindo um possível “*networking*”. Por exemplo, o Entrevistado

C relata a sua primeira experiência no PSR que, ao contrário do habitual, foi enquanto técnico de som e não público:

“A primeira vez que eu fui ao Party Sleep, mesmo já sabendo que ele acontecia, foi em 2023. Aconteceu exatamente na altura em que eu comecei a trabalhar na Casa da Criatividade. E então, sendo que a Casa da Criatividade e o Centro de Arte e a Luís Lima estão ligadas a certo ponto, ajudou-me num dia a fazer um networking muito grande de muita malta que trabalha no Centro do Arte e então depois do primeiro Party Sleep que eu fui e, aliás, até trabalhei lá, é o meu envolvimento também, conheci toda a gente do Centro de Arte e depois é aquela coisa... depois toda a gente também já sabia quem é que eu era” (Entrevistado C, São João da Madeira, 17/06/2025)

Relativamente a este aspecto, o Entrevistado E referiu também o meu próprio caso que o facto de ter participado enquanto voluntário no PSR, também me deu a oportunidade de fazer esse tal “networking”, chegar mais facilmente à associação e conseguir avançar com o estudo. Para além disso, este entrevistado mencionou ainda um outro tipo de laço que pode ser formado neste tipo de eventos que são os laços amorosos, tendo dado o exemplo de duas pessoas que se conheceram no PSR e mais tarde houve um pedido de casamento no festival. O entrevistado deu também este exemplo para salientar que através destes eventos “*existe uma confluência de gerações e de pessoas da região que de outra maneira não existiria*” (Entrevistado E, online, 30/07/2025).

Esta criação de laços e redes, pelo menos, pessoais entre as pessoas é então vista como uma força motora na criação e no reforço do sentimento de pertença com a região nos participantes. O facto de as pessoas se conhecerem e reconhecerem é apontada como fundamental para este sentimento, como indicam os participantes entrevistados, juntamente com o ambiente familiar e o facto de juntarem várias pessoas da região como um todo e também dos municípios em questão. É também interessante dar relevo a uma afirmação do Entrevistado C (São João da Madeira, 17/06/2025) que mostra o papel integrador das atividades dos Ecos Urbanos nos jovens em São João da Madeira:

“eu só posso dizer isto porque já muito antes eu me sentia integrado em São João. Até por causa dos Ecos Urbanos que também tem sempre aquele papel social também mais presente.”

Os diferentes tipos de laços que são formados no seio da participação destes eventos associativos, principalmente os mais fortes e duradouros, são capazes de mostrar uma contratendência ao declínio de capital social apresentado por Putnam (2000). Estes laços incentivam a participação em atividades menos individuais e a participação cívica, incentivando até o diálogo político, como mencionou o Entrevistado C, e para além disso estimulam ainda a criação de um sentimento de pertença com a região.

Relacionando estes laços formados aos laços propostos por Blokland (2017), podemos identificar aqui os durable engagements, ou seja relações que não se formalizam nos indivíduos específicos, mas sim no reconhecimento e interação entre estes devido à frequência regular de um determinado tipo de instituição, neste caso podemos referir-nos aos eventos das associações. Para além disso dentro dos 4 tipos ideais de laços, podemos destacar os dois no lado da sociabilidade: attachments e bonds. Attachments são muito semelhantes aos durable engagements como já vimos, mantendo uma ligação mais baseada na racionalidade e orientada por valores ou, neste caso, gostos. Indivíduos frequentam os eventos das associações e formam relações com outros mais associada a essa frequência e menos na ligação emocional com o indivíduo em si. Por outro lado, os bonds estão relacionados com os laços que transcenderam essa própria relação de frequência da associação para laços mais emocionais e afetivos, como amizades.

3.5. Dinamização cultural e desenvolvimento

Neste último subcapítulo da análise, pretende-se agora perceber a relação entre a cultura, o trabalho destas associações e o desenvolvimento da região, mais concretamente, dos respetivos municípios/freguesias onde focam o seu trabalho. No enquadramento teórico, vimos com José Machado Pais (2022) a importância da cultura para o desenvolvimento e com Vieira (2020) e Miguel (2021) as potencialidades das associações culturais. Agora vamos perceber como se aplica concretamente aos casos destas associações a partir das perspetivas e representações dos entrevistados.

Em primeiro lugar, deve-se retomar as visões acerca da cultura e da sua importância que vimos no subcapítulo 3.3. Como já vimos, os membros de associações entrevistados

referem a visão da cultura enquanto fundamental para a construção do pensamento crítico e um pilar fundamental para a educação a vários níveis. A cultura é vista como fundamental para a diversidade e para o diálogo entre diferentes perspetivas e lugares de fala. Como diz o Entrevistado D (Esmoriz, 28/07/2025), de forma quase sumária destas perspetivas: *“acho que a cultura dá-nos uma tolerância e um saber estar com os outros todos, sabermos viver em comunidade, todos juntos. Eu acho que a cultura tem esse papel fundamental.”*

De seguida, é fundamental destacar a capacidade que estas associações têm em criar mobilidade geográfica e atrair pessoas de diferentes territórios para a cidade ou vila em que organizam os seus eventos, criando também visibilidade para a mesma. Isto é observável tanto no caso do Basqueiral, em Santa Maria de Lamas, como no caso do PSR, em São João da Madeira, o que é, aliás, descrito pelos próprios participantes:

“ [...] no caso do Basqueiral, quando tu vais a Lamas vais lá de propósito por causa do basqueiral. Acho que nunca lá fui sem outro motivo.” (Entrevistada A, São João da Madeira, 5/06/2025)

“Acho que é fixe para trazer pessoal que de outra forma não viria a Lamas [...] se não fosse por eles eu também não conhecia o Museu de Lamas” (Entrevistado H, Santa Maria da Feira, 15/08/2025).

Os próprios membros das associações reconhecem também este efeito provocado pelas suas atividades e aliás é incorporado como uma das missões centrais para as associações. O próprio Entrevistado G percebe isso com o Basqueiral, afirmando que muitas pessoas nem saberiam que Santa Maria de Lamas existia se não tivessem ouvido falar no Basqueiral. Exemplifica até o potencial que os festivais e esta capacidade de mobilizar pessoas podem ter no desenvolvimento das terras dando o exemplo do festival na Vila de Paredes de Coura:

“[...] tive o prazer durante dezenas de anos, ver com os meus próprios olhos o desenvolvimento daquela de Vila que é alguma coisa inacreditável. Para quem foi há 25 anos atrás, e o ir Hoje, é incrível. O desenvolvimento que aquela Vila teve, não só em infraestruturas que eu considero que, sempre disse isso, há ali infraestruturas naquela vila que são tão ou melhores do que qualquer uma de uma grande cidade. E além disso,

Percebi que há famílias a escolherem Paredes de Coura para viver. Há um crescimento a nível de eventos culturais, coisas que eu vou recebendo [...] eu acho que realmente, quando a aposta é boa, [...] vai traduzir, a nível tanto financeiro, como social, como cultural, desenvolvimento para aquela localidade” (Entrevistado G, online, 14/08/2025)

Esta capacidade de criar dinâmica e oferta cultural fora dos grandes centros urbanos e mover pessoas para territórios mais periurbanos pode ser também uma forma de promover a descentralização da cultura, que é um dos principais objetivos destas associações e uma das principais preocupações demonstradas por estes membros.

Para além disto, são reconhecidos outros aspectos como importantes para esta relação entre as associações, a cultura e o desenvolvimento. Um deles é a promoção dos artistas da região. Apesar de ser reconhecida como uma questão que também precisa de apoio do poder político, como referido pelo Entrevistado D e apresentado anteriormente, estas associações também tentam ter medidas para promover o trabalho de artistas locais e incentivar e apoiar a criação artística. Importa destacar primeiramente o trabalho da Associação de Jovens Ecos Urbanos, uma vez que na sua origem e nas suas principais motivações incluem exatamente:

“Criar oportunidades para que Juventude com talento possa mostrar a sua arte [...] essa ideia de oportunidade e de condições em termos até de produção e logística para que a Juventude possa apresentar o seu trabalho, penso que é uma das questões que nós sempre demos valor.” (Entrevistada B, São João da Madeira, 6/06/2025)

Olhando para a ACLL e a Basqueiro, de um ponto de vista geral, apresentam formas de promover os artistas locais de forma bastante semelhante. Ambas as associações foram procurando ao longo do tempo incluir sempre algum artista do respetivo concelho ou da região envolvente na programação do respetivo festival. No entanto, como todos referem, a *“pool de bandas ou de artistas não é infinita, portanto, cada vez sentimos mais dificuldades”* (Entrevistado E, online, 30/07/2025), nomeadamente para o nicho musical destes festivais.

No caso da Basqueiro, no entanto, destacam-se mais alguns aspetos relativos à promoção do trabalho artístico local, como por exemplo, concursos com *open calls* para determinadas performances e também coisas para além da música, como outro tipo de

performances ou *videomapping*, em que fizeram questão de chamar artistas do concelho. Para além disso, há ainda um projeto desta associação bastante interessante para este assunto que é a já mencionada residência artística “Misturadora 0.0.”. Esta “Misturadora”:

“é uma espécie de, imagina, de bateadeira musical criativa. É uma espécie também de open call, o início da misturadora em que procuramos objetivamente músicos do concelho e de algumas localidades vizinhas. [...] essa bateadeira consiste em pegar em diferentes músicos de várias localidades e misturá-los para criar novos projeto e, se calhar, quem sabe géneros musicais e, depois, fazer um evento em que mostramos o que é que foi feito, o que é que resultou, que bolo é que resultou dessa misturadora”
(Entrevistado G, online, 14/08/2025)

Avançando, importa agora falarmos também no envolvimento das populações locais nos trabalhos das associações. Os Ecos Urbanos são possivelmente a associação mais fácil de destacar neste aspeto pelo seu trabalho vai mais além da vertente cultural, no sentido artístico, e tendo uma vertente de trabalho mais associada ao desenvolvimento e à intervenção comunitária. Trabalham, portanto, em maior proximidade com a população. A sua estratégia de envolvimento com a população passa por criar uma relação de horizontalidade e proximidade com a mesma, pelo trabalho trabalho em grupo e em rede e pelo acompanhamento direto da comunidade, opondo-se ao *“carácter assistencialista do final do século 20 e que ainda continua”* (Entrevistada B, São João da Madeira, 6/06/2025).

A estratégia de envolvimento da população local da ACLL já é distinta da anterior. Esta passa por envolver diferentes aspectos da cidade e da população de São João da Madeira nos seus eventos, especialmente no PSR. Primeiramente, o envolvimento de voluntários locais que possam contribuir para o festival mas também disfrutar do mesmo. Também, o envolvimento de artistas locais, que já foi aprofundado acima. Para além disso, tentam *“envolver concessões locais alimentares e de bebida, ou seja, tentamos criar impacto económico por via disso”* (Entrevistado E, online, 30/07/2025). Estabelecem também parcerias com instituições locais como o Centro de Arte da Oliva e tentam garantir o acesso gratuito ao mesmo, e procuram *“promover isso para a*

população local”, através de atividades que dinamizam, inclusive para crianças. Por último, nas suas conferências procuram trazer convidados *“que têm uma voz ativa na cidade relativamente a esses assuntos”* e têm algumas parcerias com outras entidades, associações e grupos da cidade.

No que toca à Basqueiro, a abordagem é relativamente semelhante à da ACLL. Passa também pelo voluntariado local e o envolvimento dos artistas, mais uma vez, incluindo a misturadora. Para além disto dinamizam residências artísticas e outros projetos com outras associações e instituições de Santa Maria de Lamas e até com um grupo de operários local. Nas palavras do Entrevistado D (Esmoriz, 28/07/2025), *“tentamos de alguma forma. interligar-nos com a Vila, com a população local [...] tentamos retribuir isso que eles nos deram”*. Para além disso, procuram ainda colaborar com outras instituições, do ponto de vista artístico, *“que acharmos que podem acrescentar algo artisticamente, especialmente, e que faça sentido na visão que nós temos para aquilo que queremos da associação.”* (Entrevistado G, online, 14/08/2025)

Existem ainda outros aspetos que nos podem ajudar a explorar esta relação entre cultura e desenvolvimento a partir das associações. Um bastante importante, já discutido no subcapítulo anterior, é a formação de redes e laços nos eventos das associações, enquanto fundamental para a construção de comunidade (Blokland, 2017). Esta capacidade das associações em criarem estes laços é também uma alavanca fundamental para travar a crise das relações interpessoais que Bauman (2003) fala enquanto típicos da modernidade líquida (Bauman, 2000). O Entrevistado E fala ainda nos *“impactos tangíveis”*, de ordem mais económica, como o apoio ao comércio local com a visita de pessoas às terras, como o próprio exemplifica:

“[...] quantas pessoas vêm a São João, quantas pessoas dormem em São João, quantas pessoas visitam o museu, quantas pessoas compram roupa na oliva, vão jantar fora, etc. Portanto, isso é um impacto económico que claramente o festival tem e as outras atividades que desenvolvemos também têm.” (Entrevistado E, online, 30/07/2025)

E estes não são todos. A ACLL, por exemplo, tem uma vertente de solidariedade muito forte, como no apoio à Liga Portuguesa Contra o Cancro, que vimos anteriormente. Os Ecos Urbanos desempenham um papel fundamental para a integração dos jovens em

São João da Madeira, como vemos, para além do que disse a pessoa da associação entrevistada, com o Entrevistado C (São João da Madeira, 17/06/2025): *“[...] eu só posso dizer isto porque já muito antes eu me sentia integrado em São João. Até por causa dos Ecos Urbanos que também tem sempre aquele papel social também mais presente.”* Podem ainda existir inúmeras outras formas invisíveis através das quais estas associações e a cultura contribuam para o desenvolvimento para os próprios membros das associações e participantes.

Conclusões e pistas futuras

Chegando agora ao capítulo final da dissertação, é importante retirarmos as principais conclusões da investigação desta dissertação e refletir sobre futuras oportunidade para a aprofundação do tema e futuros estudos. Para expormos as conclusões, o melhor será retomar a questão de partida que lança a dissertação e explorarmos os objetivos formulados para lhe dar resposta.

A questão da qual partimos foi: “De que forma podem as associações culturais ser promotoras da construção de redes e laços sociais entre pequenas e médias cidades como São João da Madeira e Santa Maria da Feira?” A investigação demonstrou que para além das associações em estudo serem fortes dinamizadoras da cultura nesta região, com as diferentes atividades e eventos organizam, são também fundamentais para a formação de laços e redes de sociabilidade entre populações, promovem também a mobilidade entre municípios e contribuem, de certa forma, para o desenvolvimento da região. Vamos explorar temáticamente os objetivos propostos e as conclusões associadas para melhor esclarecer a resposta à questão de partida.

Em primeiro lugar, seguindo o objetivo i), foi possível confirmar que a ACLL, a Basqueiro e os Ecos Urbanos são agentes-chave para a dinamização cultural da região. Conseguem ter uma oferta diferenciada, que dá resposta a um vazio para os públicos de música alternativa nos dois municípios, que, salvo o trabalho destas associações e algumas exceções, só encontram essa oferta em cidades maiores. Conseguem até dar oportunidades de criação artística e apresentação para os artistas da região, seja através da sua programação, como através de projetos concretos para os mesmos, como é o caso da “Misturadora” da Basqueiro ou até o trabalho e visão geral dos Ecos Urbanos.

Dando continuidade temática e pegando no objetivo iii), é-nos também possível tirar conclusões acerca da dinâmica cultural da região. A partir do diagnóstico feito pelos entrevistados, é possível concluir que esta é relativamente frágil em Santa Maria da Feira e São João da Madeira. Apesar de considerarem que até existem alguns eventos, alguma boa programação e bons equipamentos municipais, a oferta é quase toda feita pelos municípios e por isso tende a ser pouco diversificada e muito repetitiva, não

havendo criatividade na programação, de um modo geral. Para além disso, esta programação, nomeadamente a que tenta servir para apoiar os artistas locais ou até mesmo os festivais, têm pouca regularidade ao longo do ano. Também os espaços privados são escassos, condicionando a prática artística contínua. Existe o sentimento de que estas associações vêm preencher essas lacunas, mas sem elas não haveria quase nada.

De um ponto de vista estratégico, as coisas também não são vistas com bons olhos. Consideram que deveria haver uma maior visão de definição da programação a nível intermunicipal e as coisas deveriam ser mais pensadas em rede e em colaboração para além das fronteiras ilusórias dos municípios. Os membros das associações entrevistados consideram também que os municípios deveriam autonomizar, em parte, a programação e oferta cultural em diferentes agentes, para que houvesse maior diversidade, através de apoios e de ferramentas para tal.

Quando se compara a dinâmica desta região com as de grandes cidades, conclui-se que as segundas têm muito mais oferta contínua e diversificada. Consideram que também existem muitos mais públicos, em número e diversidade, assim como, mais agentes dinamizadores e mais poder económico, o que também justifica essa dinâmica mais ativa. Por outro lado, existem ainda mais palcos para artistas, o que também as torna mais atrativas para os mesmos.

Contudo, como já vimos, conclui-se também que estas associações têm vindo a combater essa falta de diversidade e alguns dos vazios existentes, começando entre si a formar um circuito cultural regional para esta oferta mais alternativa, ligando as populações e promovendo fluxos entre os municípios e os diversos eventos e espaços, à semelhança do conceito de circuito proposto por Magnani (2002).

Englobando agora os objetivos ii); iv) e v), importa falarmos da criação de laços. É possível concluir que estas associações têm um enorme potencial para a formação e desenvolvimento de laços. Os seus eventos são um espaço privilegiado para as sociabilidades, por diversos fatores: o ambiente familiar, a capacidade de juntar pessoas

em torno dos mesmos gostos no mesmo espaço ou a relação entre públicos e associação.

Nestes eventos são formados vários laços, as pessoas conhecem pessoas novas, fazem amigos, criam relações amorosas, fazem “*networking*” de laços mais profissionais, entre outros. Como vão frequentando os eventos com regularidade e até o próprio circuito cultural regional, acima mencionado, acabam por criar ainda mais familiaridade uns com os outros e há uma esperança em reencontrarem-se. O Basqueiral e o PSR, acabam por ser o “Natal”, em junho ou em maio, como afirmou um dos participantes.

Caracterizando os tipos de laços, de acordo com a tipologia de Blokland (2017), são formados essencialmente laços em torno da sociabilidade, como *attachments* e *bonds*. Temos assim relações duradouras que acabam por ser formadas graças a estes contexto e até o podem transcender, sendo laços mais afetivos ou então em torno desse gosto pelos eventos ou pela música.

As associações têm assim um papel fundamental também na criação de um sentimento de pertença com a região como um todo. Os laços que são formados e o próprio circuito são vistos pelos participantes como fundamentais para a criação deste sentimento, porque conhecem e também novas pessoas, tal como reencontram conhecidos, da mesma região. Há também um claro contributo para uma possível noção de comunidade. Estas associações e o envolvimento dos participantes nos seus eventos, vêm assim contribuir para combater o declínio de capital social mencionado por Putnam (2000), assim como a individualização e fragilidade das relações humanas da modernidade líquida (Bauman, 2000; 2003).

Passando pelo último objetivo, o vi), percebemos que as associações culturais podem também de alguma forma ser importantes para o desenvolvimento. Seja através da dinamização da cultura ou da criação de redes e laços que vimos anteriormente, mas também do papel educativo, da criação de diálogo e espaços de partilha e diversidade, ou da estimulação do pensamento crítico que tentam promover através da cultura e das artes, que é para os membros das associações fundamental para a vida coletiva e em comunidade. Para além disso, os seus eventos estimulam a participação cultural e

aproximam as populações da mesma. Estas associações criam redes com outras associações e instituições e trabalham de forma colaborativa com as mesmas. Podem ainda trazer benefícios económicos para a região.

Confirma-se aqui a perspetiva de José Machado Pais (2022) sobre o papel da cultura no desenvolvimento e na formação de laços. Também se verifica a tese de Helena Vilaça (2017) sobre a capacidade do associativismo em organizar e mobilizar pessoas para que tenham uma voz e autonomia, e ampliando a sua participação democrática, tal como se verificam as teses de Vieira (2020) e Miguel (2021) sobre o associativismo cultural.

Para além destas conclusões em resposta à questão de partida e aos objetivos, ainda se podem formular outras que parecem pertinentes. Primeiramente, o papel destas associações alinha-se com a teoria de Becker (2010) e dos mundos da arte. Efetivamente vemos aqui que a arte é sempre o resultado de redes de cooperação e nunca do artista isolado. As associações desenvolvem um importante trabalho para que a cultura e as artes possam ter um espaço onde sejam apresentadas. Sem estas associações e outros agentes semelhantes, muito trabalho artístico não chegaria aos públicos e, nalguns casos, nem poderia ser desenvolvido.

Em segundo lugar, há também algo a retirar relativamente aos modelos de política cultural. Como já vimos, através das perspetivas dos membros das associações, estas não seguem modelos rígidos, resultando numa complementariedade entre Democracia e Democratização Cultural (Carta do Porto Santo, 2021; Lopes, 2007). No entanto, considera-se que há um maior pendor para a Democracia Cultural. Os públicos são reconhecidos como agentes culturais ativos e não como meros consumidores que engolem cultura. As associações procuram e defendem autonomia para os agentes culturais serem dinamizadores da cultura, tentando encontrar formas mais participativas de programação, que se opõem um pouco à visão mais democratizante dos municípios. Também procuram mais formas de envolver a população nas suas atividades e uma aproximação o mais horizontal e participada possível, destacando, em especial, os Ecos Urbanos.

Vistas as conclusões, devemos também reconhecer quais foram os principais desafios deste trabalho e refletir sobre as pistas e possibilidades que se abrem para futuramente investigar o assunto. Primeiramente, tendo em conta que se trata de uma dissertação de mestrado, compreende-se que o tempo é relativamente limitado e também não se torna viável enquadrar todas as possibilidades consideradas, assim como, não facilita o acompanhamento do ritmo do terreno e dos agentes, uma vez que, como vimos, a maioria do trabalho das associações é voluntário e os próprios membros não se podem dedicar totalmente a estas, nem existem eventos com forte regularidade. Estas condicionantes impactam obviamente a investigação ao nível das decisões tomadas e de algumas possibilidades de trabalho.

Não obstante, estes desafios, abrem novos caminhos para o futuro. Podemos refletir sobre como aprofundar ou investigar esta temática mais tarde, visto que continua a ser altamente relevante. Primeiramente, destaca-se a possibilidade de realização de um estudo de longa duração em torno destas associações e dos seus eventos, podendo estudar sistematicamente, não só, os festivais que só acontecem uma vez por ano, mas também as restantes atividades que vão acontecendo. Em segundo lugar, para além de obviamente se realizar mais entrevistas em quantidade, é também importante que estas tenham mais diversidade. Para além de participantes e membros de associações, deve-se também entrevistar artistas, técnicos da cultura nos municípios, decisores políticos, entre outros. Em último lugar e de alta importância, será alargar o estudo a mais cidades e territórios na região ou da mesma dimensão e, para além disso, a mais associações e a outros agentes culturais, como coletivos artísticos, bares, ou outras instituições que se dediquem à cultura. A cultura é um mundo a explorar, no qual vários agentes desempenham papéis fundamentais, por todo o mundo.

Referências Bibliográficas

- A Conferência do Porto Santo. (25 de abril, 2021). *Carta do Porto Santo: A cultura e a promoção da democracia: para uma cidadania cultural europeia*. Retirado de: <https://www.culturaportugal.gov.pt/media/9190/pt-carta-do-porto-santo.pdf>
- Associação Cultural Luís Lima. (n.d.). Associação Cultural Luís Lima. <https://www.acluislima.com/> [consultado a 10 de junho de 2025]
- Associação de Jovens Ecos Urbanos. (n.d.-a). *História*. Ecos Urbanos. <https://ecosurbanos.pt/historia/> [consultado a 10 de junho de 2025]
- Associação de Jovens Ecos Urbanos. (n.d.-b). *Semana da Juventude*. Ecos Urbanos. <https://ecosurbanos.pt/semana-da-juventude/> [consultado a 10 de junho de 2025]
- Barth da Silva, G., & Silveira, J. (2025). Perceber a diferença: A observação participante enquanto metodologia na investigação sócio-espacial. *CIDADES, Comunidades e Territórios*, 49(Jul), 253–264. <https://doi.org/10.15847/cct.32979>
- Basqueiro [@basqueiral]. (2024, 23 de outubro). ÚLTIMA SEMANA PARA TE CANDIDATARES | OPEN CALL A MÚSICOS... [Publicação do Instagram]. Instagram. <https://www.instagram.com/p/DBeZ9uWlq-X/> [Consultado a 10 de junho de 2025]
- Basqueiro. (2025). Basqueiro Associação Cultural. Basqueiral: <https://basqueiral.pt/basqueiro-ac/> [consultado a 10 de junho de 2025]
- Bauman, Z. (2000). *Liquid Modernity*. Polity Press
- Bauman, Z. (2001). *Community: Seeking Safety in an Insecure World*. Polity Press
- Bauman, Z. (2003). *Liquid Love: On the Frailty of Human Bonds*. Polity Press
- Béaud, S. & Weber, F. (2007). *Guia para a pesquisa de campo: Produzir e analisar dados etnográficos*. Éditions La Découverte.
- Becker, H. S. (2010). *Mundos da Arte*. Livros Horizonte
- Blokland, T. (2017). *Community as Urban Practice*. Polity Press

- Creswell, J. (2014). *Research Design: Qualitative, Quantitative and Mixed Methods Approaches*. SAGE Publications;
- Fernandes, L. (2002). Um diário de campo nos territórios psicotrópicos: As facetas da escrita etnográfica. In T. H. Caria (Org.), *Experiência etnográfica em ciências sociais* (pp. 23–40). Porto: Edições Afrontamento. <https://doi.org/10.4000/etnografica.3484>
- Ferro, L. (2015). Jump Lisbon! Notes from an ethnography of urban flows. *Portuguese Journal of Social Science*, 14(2), 177–192. https://doi.org/10.1386/pjss.14.2.177_1
- Ferro, L., & Raposo, O. (Coords.). (2016). *O trabalho da arte e a arte do trabalho: Circuitos criativos de artistas imigrantes em Portugal*. Alto Comissariado para as Migrações, I.P. (ACM, I.P.). <https://hdl.handle.net/10216/108351>
- Hobsbawm, E. (1996). Identity politics and the Left. *New Left Review*, (217), 38–47.
- Instituto Nacional de Estatística. (2024a). População residente (N.º) por Local de residência à data dos Censos [2021]. Disponível em: https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_indicadores&indOcorrCod=0012276&contexto=bd&selTab=tab2 [Consultado a 11 de junho de 2025]
- Instituto Nacional de Estatística. (2024b). Superfície (km²) das unidades territoriais por Localização geográfica. Disponível em: https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_indicadores&contexto=pi&indOcorrCod=0011866&selTab=tab0 [Consultado a 11 de junho de 2025]
- Lopes, J. T. (2007). *Da Democratização À Democracia Cultural: Uma reflexão sobre políticas Culturais e Espaço público*. Profedições.
- Lopes, J. T. (Coord.). Bóia, P. S., Ferro, L., Guerra, P. (2010). *Género e Música de Dança. Experiências, percursos e “relatos” de mulheres clubbers*. Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género.
- Lüchmann, L. H. H. (2014). Abordagens teóricas sobre o associativismo e seus efeitos democráticos. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 29(85), 159–174. <https://doi.org/10.1590/S0102-69092014000200009>

- Magnani, J. G. C. (2002). De perto e de dentro: Notas para uma etnografia urbana. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 17(49), 11-29. <https://doi.org/10.1590/S0102-69092002000200002>
- Marcus, G. E. (1995). Ethnography in/of the World System: The Emergence of Multi-Sited Ethnography. *Annual Review of Anthropology*, 24, 95–117. <http://www.jstor.org/stable/2155931>
- Miguel, A. (2021). *As associações na dinamização cultural local: O caso da cidade da Covilhã* (Dissertação de mestrado). Universidade da Beira Interior.
- Pais, J. M. (2022). “Encruzilhadas Da Cultura Num Mundo Por Reinventar”. In do Carmo, R.; Tavares, I. & Cândido, A. F. (Eds.). *Que Futuro Para a Igualdade? Pensar a Sociedade e o Pós-Pandemia* (pp. 15–26). Observatório das Desigualdades.
- PORDATA. (2024). Espectadores de espetáculos ao vivo. Disponível em: <https://www.pordata.pt/pt/estatisticas/cultura-e-desporto/espetaculos/espetadores-de-espetaculos-ao-vivo> [Consultado a 11 de junho de 2025]
- Portugal, S. (2007). Contributos para uma discussão do conceito de rede na teoria sociológica. *Oficina do CES*, 271, 1-35
- Putnam, R.D. (2000). Bowling Alone: America’s Declining Social Capital. In: Crothers, L., Lockhart, C. (eds) *Culture and Politics*. Palgrave Macmillan. https://doi.org/10.1007/978-1-349-62397-6_12
- Quivy, R., & Campenhoudt, L. (1998). *Manual de Investigação em Ciências Sociais* (2ª ed.). Gradiva.
- Scott, S. (2009). *Making sense of everyday life*. Polity Press.
- Silva, A. S., Babo, E. P., Santos, H., Guerra, P. (1998). Agentes culturais e públicos para a cultura: alguns casos ilustrativos de uma difícil relação. *Cadernos de Ciências Sociais*, 18, 67-105. <https://hdl.handle.net/10216/53673>
- Viegas, J. M. L. (1986). Associativismo e dinâmica cultural. *Sociologia, Problemas e Práticas*, n.º 1, 102-121.

Viegas, J. M. L. (2004). Implicações democráticas das Associações Voluntárias: O caso português numa perspectiva comparativa europeia. *Sociologia, Problemas e Práticas*, n.º 46, 33-50.

Vieira, C. (2020). *A cidade é o meu espelho: Artes e criatividade juvenis para a inclusão* (Dissertação de mestrado). Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Vilaça, H. (2017). Associativismo urbano e participação na cidade. *Sociologia: Revista Da Faculdade De Letras Da Universidade Do Porto*, 1. <https://ojs.letras.up.pt/index.php/Sociologia/article/view/2626>

Whyte, W. F. (2005). *Sociedade de esquina: A estrutura social de uma área urbana pobre e degradada*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Anexos

Anexo 1 – Guião de entrevista para membros das associações

1. Enquadramento da Associação

- Para começar, poderia descrever brevemente a história da associação?
- Neste sentido, poderia falar um pouco sobre o espaço que ocupam e como chegaram ao mesmo?
- Quais são os valores, objetivos e missão da associação?
- Como é que a associação se organiza e é gerido o vosso trabalho?

2. Caracterização geral dos públicos da associação

- Descreva, de forma geral, os públicos da vossa associação, no que toca a idades, (sub)culturas, territórios de origem, género e classe
- Qual é a assiduidade desses públicos entre as diferentes atividades? Acham que varia em função do tipo de atividade ou do local onde são realizadas?

3. Relação com o território, população e desenvolvimento local

- Como é que a associação olha para a dinâmica cultural nos territórios em que habitam e atuam?
- De que forma compara a dinâmica cultural desses territórios com outros territórios urbanos, nomeadamente de maior dimensão, como é o caso do Porto?
- Olham para o vosso trabalho como fixo no município específico ou acham que tem impacto noutras regiões?
- Que tipo de relação procura a associação ter, por um lado, com os seus públicos, e por outro, com os sócios?
- Como procuram envolver a população local nas vossas atividades?
- Acreditam que a cultura tem algum papel para o desenvolvimento local? De que forma?
- Consideram que o vosso trabalho é importante para a criação de redes e laços entre populações?
- Procuram promover o trabalho de artistas regionais? Se sim, de que forma?
- Como compreendem a política cultural praticada, a nível local, regional e nacional?

4. Relação com outras associações

- Consideram importante trabalhar em conjunto com ou apoiar outras associações da região que atuem nas mesmas áreas?
- Que tipo de relações têm com outras associações?
- Têm trabalhado em rede com outras associações e que tipo de recursos têm para tal?
- Para além da vossa associação, destacam outras associações/agentes (outros coletivos, pessoas, espaços) como relevantes para a dinamização cultural da região?

5. Relação institucional

- Poderia descrever a relação entre associação e poder político a nível local, regional e nacional
- Trabalham em conjunto com outras instituições? Se sim, quais e de que forma?

6. Outras questões

- Gostaria de acrescentar algo?

Anexo 2 – Guião de entrevista para membros das associações

1. Envolvimento com a associação

- Como conheceste a associação/as associações?
- Conhece bem o seu trabalho?
- De que forma considera importante este trabalho e quais considera serem os seus impactos a nível social, cultural e político?

2. Motivações e perceções sobre os eventos

- Quais são as suas motivações para frequentar os eventos organizados por estas associações?
- O que pensa sobre este tipo de eventos?
- Como descreve o ambiente e a experiência pessoal e social nos mesmos?
- Que tipo de outros eventos gostaria que estas associações desenvolvessem?

3. Relação com o território

- Costuma deslocar-se entre São João da Madeira e Santa Maria da Feira para participar neste tipo de eventos?
- Considera que estes eventos te ajudam a criar um sentimento de pertença com a região?
- Nota alguma diferença entre este tipo de atividades aqui ou em cidades maiores como o Porto?

4. Redes e laços sociais

- Costuma ir sozinho/a ou acompanhado/a?
- Já conheceu pessoas novas com a qual tenha mantido algum tipo de laço em eventos das associações?
- Considera que este tipo de eventos contribuem para criar laços entre as pessoas nestes territórios?

5. Representações acerca da política cultural

- Qual é a sua opinião sobre os apoios políticos para estas associações, a nível local, regional e nacional?

6. Outras questões

- Gostaria de acrescentar alguma coisa?

Anexo 3 – Grelha de análise de entrevista para membros das associações

Dimensões	Indicadores	Excertos	Análise
Enquadramento da associação	Breves apontamentos da história da associação		
	Espaço(s) que ocupam		

	Valores e objetivos		
	Organização e gestão interna		
Públicos da associação	Características sociodemográficas		
	Assiduidade dos públicos		
	Diferenças entre eventos		
Dinâmica territorial e cultural	Percepções acerca da dinâmica cultural na região		
	Inscrição do trabalho no território		
	Comparação com outros territórios		
	Relação da associação com os públicos e sócios/quadros		
Desenvolvimento local	Envolvimento da população local		
	Importância da cultura para o desenvolvimento		

	Formação de redes e laços entre populações		
	Promoção do trabalho artístico da região		
	Percepções acerca da política cultural praticada		
Relação entre associações	Trabalho conjunto com outras associações		
	Tipo de relações com outras associações		
	Recursos para o trabalho em rede		
	Outros agentes de dinamização destacáveis na região		
Relação institucional	Relação entre associação e o poder político		
	Relação entre associação e outras instituições		

Observações adicionais			
---------------------------	--	--	--

Anexo 4 – Grelha de análise de entrevista para participantes assíduos em eventos das associações

Dimensões	Indicadores	Excertos	Análise
Relação com as associações	Familiaridade com as diferentes associações		
	Conhecimento prévio		
	Perceção da importância e impactos das associações		
Motivações e perceções acerca dos eventos	Razões para participar		
	Perceções acerca da importância dos eventos		
	Caracterização do ambiente e experiência pessoal		
Relação com o território	Mobilidade entre o território		

	Sentimento de pertença		
	Comparação com outros territórios		
Redes e laços sociais	Formação de laços nos eventos		
	Importância atribuída aos laços formados		
	Formas de sociabilidade nos eventos		
Representações acerca da política cultura	Percepções e opiniões sobre os apoios para as atividades culturais		
	Representações gerais sobre as políticas para as artes e a cultura		
Observações adicionais			

Anexo 5 – Informação ao participante e termo de consentimento informado

Sou estudante no Mestrado em Sociologia na Faculdade de Letras da Universidade do Porto e estou a realizar um projeto de investigação no âmbito da minha Dissertação de Mestrado. Este trabalho pretende compreender de que forma podem as associações culturais ser promotoras da construção de redes e laços sociais entre pequenas e médias cidades como São João da Madeira e Santa Maria da Feira. Deste modo, procura-se compreender as suas perspetivas e vivências em torno dos seguintes tópicos: a cultura, formação de laços, associações culturais, relação com o território e eventos das associações em Santa Maria da Feira e São João da Madeira.

Para tal, estou a realizar um conjunto de entrevistas a membros das associações culturais em foco: Associação Cultural Luís Lima, Associação Cultura Basqueiro e Associação de Jovens Ecos Urbanos; e a participantes assíduos em atividades das mesmas. A recolha de dados é, portanto, essencial para que se consiga explorar e fundamentar sociologicamente estas questões.

A sua participação é totalmente voluntária e pode não responder a qualquer pergunta da entrevista que o/a deixe desconfortável ou desistir da entrevista. Poderá retirar o seu consentimento a qualquer momento. A entrevista será gravada para a posterior transcrição e análise por parte do investigador. A gravação e a transcrição integral da entrevista serão confidenciais. Essa informação será destruída após a conclusão da Dissertação. As suas respostas e os excertos presentes no corpo da Dissertação estarão anonimizados. Informa-se ainda que não decorrerá qualquer tipo de custo ou benefício para si da participação na entrevista.

Face à informação exposta, assinale, por favor, se aceita ou não participar nesta entrevista.

Aceito ☐ Não aceito ☐

Assinatura: _____ Data: __/__/____ (dd/mm/aaaa)